

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

CINARA BRITO DE OLIVEIRA

MULTIDÃO:

UMA REFLEXÃO SOBRE PARTICIPAÇÃO SOCIAL, POLÍTICA E AFETO

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

SÃO PAULO

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CINARA BRITO DE OLIVEIRA

MULTIDÃO:

UMA REFLEXÃO SOBRE PARTICIPAÇÃO SOCIAL, POLÍTICA E AFETO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRA em Psicologia Social, sob orientação da prof^a Dra. Bader Burihan Sawaia.

SÃO PAULO

2016

BANCA EXAMINADORA

À Julinha, meu maior motivo, sempre!
À D. Antonia, por ter dedicado sua vida para que eu pudesse estudar!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a construção desse trabalho, mas de maneira especial às pessoas que estiveram mais próximas ao longo desses dois anos.

À minha família: à minha filha, Julinha, por me fazer reafirmar a cada dia que vale a pena lutar, por compreender (quase sempre) as minhas ausências durante esse período e por ser minha companheirinha nos momentos mais difíceis desse processo criativo; à minha mãe, Antonia, meu pai, Milton, meu irmão, Sandro, e minha irmã Andressa, por todo apoio e amor. Eu cheguei em um lugar que não era originalmente nosso e vocês me permitiram isso.

À família que eu escolhi: Dan, Dany, Fê, Laercio, Lila (em especial, também, pelo bolo de fubá e tudo que ele significou), Ro, Rogério, Vagner, e em especial à amiguinha Debora, pelo apoio incondicional e incentivo, pelas incansáveis leituras dos meus textos, desde o pré-projeto até a dissertação finalizada, pela troca e pelas reflexões em todo esse período. Foi ao lado de vocês que aprendi a sonhar em mudar o mundo e descobri o sentido de lutar. E às pessoas que foram se agregando a essa família: Alan, Cris, Davi, Dheison, Dri, Elen, Fabricio, Lili, Nice, Pah, Priscilinha, Rafa, Renato, Robinho, Tânia (em especial, também, pelo abstract) e Vanessa.

Às companheiras e aos companheiros que eu carreguei da militância pra vida: Binho, Erik, Jana, Japa, Manu, Sara e Trindade; por compartilharem o sonho de um mundo mais igual.

À minha orientadora, Bader Sawaia, pela generosidade com que sempre acolheu todas as minhas angústias, dúvidas e limitações, por todo o conhecimento compartilhado, e pela sabedoria em orientar e direcionar essa trajetória. Orgulho-me muito de tê-la como grande mestra.

Aos colegas do NEXIN, pelos encontros potencializadores e pela construção coletiva desse trabalho, em especial ao professor Marlito, pelo amor em nos ensinar filosofia. Esse trabalho é nosso!

À professora Lívia dos Santos e ao professor Salvador Sandoval, pelas ricas contribuições no Exame de Qualificação, pelo material compartilhado e pela disponibilidade sempre.

À querida Luciana, pela amizade desde sempre. Por ter sido inspiração para meu ingresso no mestrado, por não só “ter me indicado o caminho das pedras”, mas por sempre ter acolhido as angústias que surgiram durante esse processo.

À galera que fez tudo ser mais leve: Camila, Chinaira, Debora, Denis, Di, Dilson, Eugenia, Elisa, Elizangela, Emylio (Egydio), Evelyn, Ezio, Fabrícia, Flavia, Glau, Graça, Gustavo, Joel, Ju, Kely, Le, Lí, Lidi, Lu, Magna e Pedro; pelos encontros, risadas e conversas no “escritório” e pelo que foi possível viver dentro e fora da PUC. Em especial ao “Vamos Sair”, quarteto que me acolheu na PUC (formando um quinteto) e fez com que eu me sentisse sempre entre os meus (quanto aos planos de sair, temos que continuar tentando) e ao “Devemos” (outro quinteto), pelos encontros que sempre terminavam em reflexões espinosanas e vigotskianas ou discussões políticas, mesmo que à beira mar, vocês me deram sustentação nos momentos finais da escrita. Obrigada por TUDO que compartilhamos!

Aos participantes dessa pesquisa: Cristina, Danilo, Diego, Gustavo, Priscila e Vinicius; por terem compartilhado a sua participação social, política e afetos.

Por fim, o meu muito obrigada à todas as brasileiras e todos os brasileiros, mantenedores do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), órgão de fomento que me contemplou com uma bolsa de estudos.

*“A conduta tá toda curiosa
Outro dia era um ‘bando de sem causa
Causando caos por alguns centavos de réis’*

Invertendo os papéis!

*A repressão levou pra rua
Nosso tom, nossa amargura*

*E a justiça?
Onde vai?
D'onde vem?
Quem a escreve?
É a favor de quem?*

*Querem tapar!
O sol com a peneira
Querem tapar!
O sol com a peneira!
Querem calar
A nossa maneira
De brincadeira... Aqui ninguém tá!*

*A cocaína, o craque, a Copa
A coca, a desocupação da oca
D'aldeia Maracanã!*

*Morre a juventude à luz do dia
Já não dorme a periferia
A perícia constata
É polícia quem mata também à revelia!”*

(Fernando Anitelli)

RESUMO

O fenômeno multidão configurou-se como um dos primeiros objetos de estudo da psicologia social, vista pelos pioneiros como irracional, massificadora e perturbadora da ordem social, concepção que influenciou uma geração de pesquisadores que passou a reproduzi-la e, assim, a justificar ações repressoras contra elas. À medida que a sociedade foi se transformando, em decorrência das modificações nos meios de produção, as formas de ação coletiva também foram se alterando e, conseqüentemente, emergindo novas teorias explicativas dessa realidade, abrangendo diferentes áreas das ciências humanas. Desde 2011, uma nova forma de mobilização de protestos vem acontecendo pelo mundo, em grande parte por ação das redes sociais. No Brasil, esse fenômeno ganhou visibilidade em 2013, quando uma sequência de atos contra o aumento da tarifa em São Paulo ganhou o apoio de grande parte da população (a maioria jovem), forçando a mídia a mudar a maneira como retratava os protestos, passando de vândalos a manifestantes pacíficos, caracterizando a ação violenta como restrita a pequenos grupos merecedores da repressão policial. A mídia passou a não só apoiar, mas a colaborar com a convocação dos manifestantes. O movimento se espalhou pelo país ganhando pautas difusas e revelando uma luta de classes. Entre o saldo consta não só a revogação do aumento da tarifa em diversas cidades, mas também mudanças na agenda governamental e a consciência do direito a protestar, desdobrando-se em diferentes movimentos representando interesses distintos, culminando com a formação de dois grandes grupos, em defesa e contra o impeachment da presidenta do país. Diversos analistas vêm retomando a ideia de multidão como um sujeito político para explicar esses movimentos, no Brasil, o debate na Psicologia centra-se na equivalência entre movimentos sociais e multidão, usando como referência os pioneiros dessa reflexão: Freud e Le Bon, e de outro lado, os pensadores contemporâneos Negri e Hardt, que se inspiram em Espinosa. Para colaborar com esse debate, a presente pesquisa busca entender os motivos e afetos que levaram à participação pessoas com diferentes afiliações ideológicas nas Manifestações de Junho de 2013 e/ou nos seus desdobramentos. Os pressupostos teóricos e metodológicos que sustentam essa pesquisa encontram-se na Psicologia de Vigotski, na concepção de sociedade de Marx e na ontologia política de Espinosa, colocando as suas ideias filosóficas de comum e *multitudo* no centro dessa reflexão. Os resultados desse trabalho apontam para a positividade da multidão e pertinência desse conceito, na perspectiva espinosana. A vivência dos movimentos gerou nos sujeitos dessa pesquisa prazer, aumentou a consciência crítica, mesmo que em direções difusas, o sentimento da importância do coletivo, o aumento da potência política de cada, e segundo sua singularidade. Todos sentem que o coletivo é importante instrumento de transformação. Enfim, rebatem a concepção de multidão como irracional, massificadora e perturbadora da ordem social e eu o sentimento do comum é fundamental, indicando assim, um campo de pesquisas e de ação à Psicologia Social.

Palavras-chave: multidão, participação política, afetos, psicologia sócio-histórica, singularidade e comum

ABSTRACT

The crowd phenomenon has configured himself as the first object of study in social psychology, seen by pioneers as irrational, massifying and disturbing the social order, a concept that influenced a generation of researchers who began to play it and thus to justify repressive actions against them. As society was changing, due to the changes in the means of production, forms of collective action have also been altering and consequently emerging new theories explaining this reality, covering different areas of the humanities. Since 2011, a new form of mobilization of protests has been going around the world, largely by action of social networks. In Brazil, this phenomenon became visible in 2013, when a sequence of acts against the tariff increase in São Paulo won the majority of population (mostly young) support, forcing the media to change the way portrayed the protests going vandals of the peaceful protesters, featuring violent action as restricted to small groups deserving of police repression. The media has not just supported, but collaborate with the convocation of the protesters. The movement spread throughout the country gaining diffuse agendas and revealing a class struggle. Between the balance shown not only the withdrawal of the fare increase in several cities, but also changes in government agenda and the right of conscience to protest, unfolding in different movements representing different interests, culminating in the formation of two large groups, defense and against the impeachment of the country's president. Several analysts have retaking the idea of crowd as a politicians subject to explain these movements, in Brazil, the debate in psychology focuses on equivalence between social movements and crowd, with reference to the pioneers of this reflection: Freud and Le Bon, and Furthermore, the contemporary thinkers Negri and Hardt, who are inspired by Spinoza. To collaborate with this debate, this research seeks to understand the motives and emotions that led to participation people with different ideological affiliations in the demonstrations of June 2013 and / or its consequences. The theoretical and methodological assumptions underlying this research are in Vygotsky's Psychology in the design of Marx's society and in Spinoza's political ontology, putting his philosophical ideas of common and multitud at the center of reflection. The results of this study point to the positivity of the crowd and relevance of this concept, in Spinoza's perspective. The experience of the movements generated in the subjects of this research pleasure, increased critical awareness, even in diffuse directions, feeling the importance of the collective, the increasing political power of each, and according to its uniqueness. Everyone feels that the collective is an important instrument of transformation. Anyway bounce off the design of the crowd as irrational, massificadora and disturbing social order and I common sense is key, thus indicating a field of research and action to Social Psychology.

Keywords: crowd, political participation, affection, socio-historical psychology, singularity and common

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1.1 Le Bon e Freud: a multidão irracional.....	20
1.2 Vigotski, Marx e Espinosa: a multidão como potência.....	24
2 ESCOLHA DO MÉTODO DE INSPIRAÇÃO VIGOTSKIANA	31
2.1 Procedimentos	35
3 JUNHO DE 2013: o mês que não acabou	37
4 APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS	57
4.1 Gustavo	57
4.2 Danilo.....	58
4.3 Cristina.....	60
4.4 Vicente	62
4.5 Diego.....	63
4.6 Priscila.....	65
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	68
5.1 A Motivação da Participação	68
5.2 Os Afetos.....	70
5.3 Sentimento do Comum e Conflito de Interesses	70
5.4 Potência de Ação.....	72
5.5 Das Redes às Ruas	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS: uma reflexão sobre multidão	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80
ANEXOS	86
Anexo I. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	87
Anexo 2. Roteiro de Entrevista	88

APRESENTAÇÃO

*"As balas são de borracha porque a intenção
é apagar palavras de revolução"*

(Victor Rodrigues)

Desde 2011 eclodiu uma onda de protestos pelo mundo que vem chamando a atenção de diversos pensadores. Essas manifestações se diferenciam do modelo tradicional, principalmente pela forma de liderança horizontal e descentralizada e por usarem as redes sociais para convocarem um enorme número de pessoas que não pertenciam previamente a nenhum movimento social. Enquanto alguns países lutaram contra regimes autoritários, outros clamaram por novas formas de democracia ou protestaram diretamente contra a desigualdade econômica, outros ainda se uniram em prol de causas ambientais.

Mas o que aparentemente se apresentou como uma série de demandas específicas e isoladas em um primeiro momento, passou a ser interpretado por diversos analistas como a expressão de uma demanda global: a resistência contra a globalização do capital e de todas as suas formas de dominação (ZIZEK, 2013; GOHN, 2014; HARDT e NEGRI, 2014; SILVA e BAPTISTA, 2014). Como podemos ver nas palavras de Zizek (2013, p. 104): “O capitalismo global é um processo complexo que afeta diversos países de maneiras variadas, e o que unifica tantos protestos em sua multiplicidade é que são todas reações contra as múltiplas facetas da globalização capitalista”. E apesar de partirem de categorias distintas, os autores, analisam esses conjuntos de manifestações sob a perspectiva de movimentos sociais, concepção partilhada pela presente pesquisa.

No Brasil esse movimento mundial adquiriu visibilidade em junho de 2013, quando uma série de protestos contra o aumento de vinte centavos na tarifa do transporte público coletivo na cidade de São Paulo começaram a ser mobilizados pelo Movimento Passe Livre (MPL), juntamente com movimentos sociais e partidos de esquerda. A luta não era só pelos vinte centavos, mas pautava a defesa de um transporte público gratuito de qualidade como um direito, questionando a lógica mercadológica do transporte público.

Como há muito vem acontecendo no Brasil, nas primeiras manifestações o movimento foi duramente reprimido pela força policial e houve uma tentativa da grande mídia de desqualificá-lo. Mas ao perceber que a população apoiava o movimento, conforme indicou a pesquisa realizada pelo instituto Datafolha realizada do dia 12 de junho de 2013 e a enquete realizada pelo programa televisivo Brasil Urgente no dia 13 do mesmo mês, a mídia tentou cooptá-lo, passando não só a apoiar, mas a convocar a população para as ruas, inclusive inserindo novas pautas. O movimento se espalhou por todo o país, passou a agregar pautas difusas, tornou-se palco para toda e qualquer indignação, formando uma manifestação poderosa de proporções como não se via há mais de vinte anos, desde as mobilizações pelo *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello, em 1992, e o movimento Diretas Já, em 1984 (FERNANDES e ROSENO, 2013; GOHN, 2014). Um milhão de pessoas foram às ruas em um único dia, levando, conforme afirma Gohn (2014, p. 14), a “tentativas de mudança na agenda governamental”. Tal movimento ficou conhecido na literatura como Manifestações de Junho de 2013 ou Jornadas de Junho.

Além dos diferentes movimentos que compuseram as manifestações, as Jornadas de Junho atraíram inúmeras pessoas que nunca haviam participado de nenhum movimento social, os quais Evangelista (2015) chamou de “novos manifestantes”, e fomentaram a criação de outros movimentos e coletivos. Algumas pautas que foram incorporadas claramente dialogavam com a pauta inicial, enquanto outras eram ideologicamente contraditórias, colocando, inclusive, novos manifestantes contra alguns grupos que originalmente compunham as manifestações. Formaram-se praticamente dois grandes grupos: um, que por meio de sua pauta questionava a lógica capitalista, e outro, que elegia um conjunto diverso de pautas sem questionar sua lógica. Ainda dentro dessa grande divisão, existiam diferentes ideias que conflitavam entre si, chegando até mesmo ao confronto físico, como aconteceu no dia 20 de junho, na Avenida Paulista, durante a primeira manifestação após o anúncio da revogação do aumento das tarifas de ônibus e Metrô.

Essa não foi a primeira vez que as ruas da Capital paulista foram palco de atos de protesto contra o aumento da tarifa: em 2006, 2010 e 2011 já haviam sido realizadas manifestações convocadas pelo MPL, sempre acompanhadas de forte repressão policial, porém nenhuma das edições anteriores ganhou proporção semelhante. Eu sempre tive interesse por esse tipo de manifestação por concebê-la como um importante instrumento

de luta. A rua sempre foi palco para as minhas reivindicações pessoais e coletivas, inclusive participei de edições anteriores da luta contra o aumento da tarifa, mas ao ver a proporção tomada pelas Jornadas de Junho passei a refletir sobre a mudança de postura da sociedade frente a um movimento que eu sempre vi sendo criminalizado. O que levou todas aquelas pessoas às ruas? Seria o despertar político de uma geração de jovens até então vista como passiva? E qual o legado desse movimento? Essas questões me encorajaram a recorrer ao meio acadêmico para não só entender o fenômeno, mas também contribuir para a sua compreensão a partir da visão de alguém que tem uma atuação militante e preza pela participação como instrumento de luta política contra a desigualdade.

Para compreender esse fenômeno utilizo a categoria Multidão, tema que foi adotado como um dos primeiros objetos de estudo da Psicologia Social. Martín-Baró (2001) fez uma classificação na evolução da Psicologia Social, dividindo-a em três períodos:

O primeiro período iniciou-se no século XIX e tinha como objetivo compreender as crises e as convulsões que abalaram a Europa e ganharam repercussão mundial: as revoluções Francesa e Industrial e a Comuna de Paris. As produções teóricas desse período enfatizavam o caráter massificador, irracional e perturbador da ordem social, que atribuíam à multidão, e teve como os seus principais expoentes Gustave Le Bon (1841-1931) como precursor e, mais tarde, Sigmund Freud (1856-1939) que comungava com essas ideias, também apresentou contribuições.

Essa concepção marcou as reflexões da Psicologia sobre o tema e embasou gerações de pesquisas. Além disso, sustenta até hoje o uso da força policial para controlar manifestações coletivas. Na literatura europeia deste período é possível encontrar as diferentes denominações, como Psicologia da Multidão, Psicologia das Massas, Psicologia Social e Psicologia dos Grupos, divergindo muitas vezes apenas por questões ligadas à tradução, mas os objetos de estudo também não eram bem delimitado (MELLO NETO, 2000).

O segundo período apontado por Martín-Baró (2001) é caracterizado pela americanização da Psicologia¹. A multidão é abandonada como objeto de estudo e a

¹ Um enorme número de cientistas sociais europeus que migraram para os Estados Unidos da América fugindo do nazismo e ao contexto positivista no qual foi gestado, era uma ciência muito mais preocupada com a investigação empírica do que com a reflexão teórica.

Psicologia se ateuve ao estudo das relações grupais, liderança, opinião pública, propaganda, dentre outros temas, que tinham como objetivo ajustar o comportamento das pessoas ao novo contexto social pós-guerras mundiais, consolidando-se a Psicologia Social Clássica. O próprio Freud em sua obra *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/2011), já trata também dos pequenos grupos.

O terceiro período, na segunda metade do século XX, caracteriza-se pelo surgimento de uma Psicologia Social Crítica que tem como objetivo se contrapor à Psicologia Social Clássica, o qual trataremos mais adiante.

Concomitantemente, uma outra Psicologia Social vinha sendo gestada, com influência da Escola de Chicago², e tinha a ação coletiva como objeto de estudo. O principal objetivo era compreender o modo “como os indivíduos interpretam os objetos e as outras pessoas com as quais interagem e como tal processo de interpretação conduz o comportamento individual em situações específicas” (CARVALHO, BORGES e REGO, 2010). Essa perspectiva teórica denominou-se Interacionismo Simbólico e teve como principal influência Georg Mead (1863-1931), mas permaneceu por anos apenas no campo da Sociologia³.

Na segunda metade do século XX, uma nova configuração de atuação coletiva surge em decorrência do estágio de desenvolvimento que o capitalismo alcançara naquela época, substituindo a participação política via partido pela participação via movimento social, como afirma Maheire (1997). A ausência de interlocução entre diferentes campos do saber, por exemplo a Psicologia e a Sociologia, resultou em inúmeros campos de análise que não davam conta de explicar a ação coletiva em toda a sua complexidade, pois este é um fenômeno psicossocial, Silvia Lane (2004, p. 10-11) destaca que “as análises críticas apontavam para uma ‘crise’ do conhecimento psicossocial que não conseguia intervir e nem explicar, muito menos prever comportamentos sociais”.

As décadas de 70 e 80 marcam contribuições importantes para a Psicologia Social, a partir de autores que se dedicam à tarefa de criar categorias que dessem conta de compreender esse tipo de participação, por exemplo Serge Moscovici (1928-2014), psicólogo social romeno que trouxe contribuições a partir de sua Teoria das Minorias

² Nome dado a um grupo de pesquisadores da Universidade de Chicago-EUA que surgiu no início de século XX, trazendo uma série de contribuições à sociologia, psicologia social e ciências da comunicação.

³ Souza (2011) aponta que apesar da vasta contribuição teórica apresentada por Mead, ele foi repudiado pela psicologia positivista e rejeitado pelos intelectuais da sua época.

Ativas⁴; Henri Tajfel (1919-1982) e Jonh Turner (1947-2011), psicólogos sociais britânicos, que desenvolveram a Teoria da Identidade Social⁵ (MAHEIRIE, 1997).

No Brasil, também foram desenvolvidas contribuições importantes, a exemplo de Salvador Sandoval (1997) que aponta a falta de integração do conhecimento entre Psicologia e Sociologia, consequência das divergências teóricas, terminológicas e metodológicas, e defende que para superar isso é necessária uma abordagem transdisciplinar: “Ao meu ver, não há na natureza do comportamento político fronteiras disciplinares. As divisões disciplinares são nós que traçamos. O fenômeno do comportamento político é integrado nos seus determinantes sociológicos e psicossociais” (Idem, p. 18).

Outra contribuição significativa foi a de Kátia Maheirie (1997), que se dedicou à compreensão dos Movimentos Sociais e defende a necessidade da dialética para compreender o que denomina como Novos Movimentos Sociais, o destaque para essa nomenclatura vai ao encontro das novas características que são identificadas – resistência e libertação.

Nesse mesmo sentido, Bader Sawaia (1997) também propõe um olhar para a dialética na análise dos Movimentos Sociais e utiliza a categoria de participação social com o objetivo de superar as cisões entre singular e coletivo, razão e emoção, inclusão e exclusão, destacando a dimensão subjetiva e dos afetos como fundantes do comportamento político. Compreensão da qual sou adepta.

Esse esforço em compreender a ação coletiva se faz novamente presente, já que as Manifestações de Junho de 2013 suscitaram uma enorme inquietação e ganharam destaque nas Ciências Humanas. Passados três anos de seu acontecimento, o número de estudos pela Psicologia é bastante escasso: ao fazer uma busca nas principais bases de dados eletrônicas⁶ – Capes, BVS-psi e Scielo – foram encontrados apenas quatro

⁴ Esta complementa a principal teoria do autor – Teoria das Representações Sociais – na busca pela investigação da difusão do conhecimento, além disso, ela contesta os modelos clássicos da Psicologia ao apontar a capacidade de grupos considerados como minorias, e que até então eram vistos como meros receptores de informação, influenciar os grupos majoritários (BARBOZA E CAMINO, 2014).

⁵ Teoria que visava evidenciar a influência dos aspectos sociais e culturais no comportamento de pessoas e grupos, além disso, postula que os processos intergrupais dependem da identificação do grupo e da comparação social (FERREIRA, 2010).

⁶ Foram realizadas buscas utilizando os termos “psicologia e multidão”, “psicologia e massas” e selecionados os trabalhos publicados nos últimos três anos. Para os termos “psicologia e manifestações de junho de 2013” e “psicologia e jornadas de junho”, não foram identificados resultados.

trabalhos que analisam o fenômeno sob diferentes enfoques teóricos, o que demonstra que o tema ainda se encontra um pouco relegado pela psicologia.

Jesus (2013) analisa os movimentos de multidão, trata massa e multidão de maneira indiferenciada e concorda com Le Bon que esse fenômeno consiste na formação de uma entidade psicológica independente. A autora discorda, entretanto, da perda de racionalidade da multidão e conclui que a relevância de retomar os estudos nessa área é para o controle de comportamentos massivos por meio de uma educação capaz de alterar a representação social das instâncias repressivas. Ou seja, o estudo da multidão deveria estar a serviço da manutenção da ordem. Além disso, desconsidera a dimensão política das ações coletivas:

Multidões não podem ser compreendidas pelo mesmo espectro de movimentos sociais, dada sua amplitude e desvinculação de princípios de afiliação próprios dos movimentos sociais. Utilizar os mesmos parâmetros para entender um e o outro fenômeno leva a entendimentos falaciosos acerca do funcionamento das massas humanas. (JESUS, 2013, p. 494)

Já Richter, Ortolano e Giacomini (2014) apresentam massa e multidão como fenômenos distintos, trazendo à tona os contextos social, histórico e político no qual essas concepções foram gestadas. Contudo, ao analisarem o fenômeno recente ocorrido no Brasil, mesmo considerando o empoderamento que o engajamento a um movimento social pode propiciar a cada um de seus participantes, julgam como irracionais as ações que perturbam a ordem. Por fim, defendem a necessidade de superar a dicotomia existente entre esses dois conceitos por meio de uma abordagem psicopolítica.

Birman (2014) também considera massa e multidão como fenômenos distintos e que se contrapõem e apoia-se nas características do movimento – a ausência de um líder, na dispersão e na disseminação – para afirmar que as Jornadas de Junho se enquadra no conceito de multidão.

Silva e Baptista (2014), por sua vez, analisam os movimentos de multidão que vêm acontecendo desde 2012, a partir da ideia de multidão de Negri e Hardt e de uma leitura foucaultiana, com o objetivo de debater as implicações ético-políticas das Ciências Humanas, em especial a Psicologia, frente às formas contemporâneas de resistência ao capitalismo.

Todos esses trabalhos apontam dimensões importantes e perspectivas teóricas diferentes que precisam ser revistas e aprofundadas para orientar a Psicologia Social a lidar com esse fenômeno que toma conta das cidades e nunca desaparecem na história.

O presente trabalho é desenvolvido a partir do referencial teórico produzido no Núcleo de Pesquisa em Psicologia Social e Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN), o qual parte da Psicologia vigotskiana, da compreensão marxiana⁷ de sociedade e da concepção de afeto de Baruch de Espinosa. Esse filósofo colocou a multidão como uma categoria política fundamental, evidenciando seu caráter positivo ao controle da desmesura do poder (TP⁸).

Sendo assim, a relevância deste projeto se justifica pela importância política dessas manifestações, que deram voz e visibilidade a diversas contradições presentes em nossa sociedade, e pela colaboração que trará para a compreensão do momento histórico e político atual. Além disso, contribuirá também para o tema das multidões, objeto de estudo que já foi central e atualmente é pouco explorado pela Psicologia, certamente não por ter perdido sua relevância, mas pela necessidade de novas categorias para explicar o fenômeno.

Zizek (2013, p. 107) afirma que para conhecer o real alcance de um movimento deve-se acompanhar os seus desdobramentos e utiliza uma figura de linguagem interessante para ilustrar esta reflexão: “os carnavais saem baratos, mas a verdadeira prova do seu valor é o que permanece no dia seguinte, o modo como o nosso cotidiano se transforma”. Por essa razão, considero importante analisar não somente as Manifestações de Junho de 2013, mas também os seus desdobramentos.

Para tanto, a presente pesquisa se propõe a analisar os sentidos e afetos que configuram as manifestações coletivas de 2013 e de 2015. Esta opção se baseia na concepção teórica de Vigotski, especificamente, três de suas proposições: (1) a de apontar que a multidão age de acordo com a sua própria vontade, e não por seguir cegamente um líder: *“Pero los acontecimientos tienen lugar, la historia se desarrolla particularmente en tempos revolucionarios por la voluntad de las masas, por aquellos que cumplen el decreto y escuchan los discursos y los ponen en práctica, quienes*

⁷ Aqui denominamos marxiana a obra do próprio Karl Marx, aqueles que foram escritos por Friedrich Engels (particularmente depois de já ter conhecido Marx) e aqueles em que eles escreveram em conjunto. Ela se difere da obra marxista, que é formada por autores que utilizam Marx e Engels em suas teorias e/ou buscam comentar as suas obras.

⁸ A sigla TP refere-se à obra Tratado Político, de autoria de Espinosa.

cumplen las órdenes” (VIGOTSKI, 1998, p. 97-98); (2) a de afirmar que não existe nenhuma instância psíquica independente criada a partir da relação entre as pessoas, rebatendo as ideias de Le Bon, Freud e McDougall: “o psiquismo estudado pela psicologia social, é precisamente a psicologia de um indivíduo particular, aquilo que ele tem na cabeça. Não existe nenhum outro psiquismo” (VIGOTSKI, 1999, p. 14); (3) a de que não há separação entre o pensar, o sentir e o agir e que para compreender as ações e linguagem é preciso captar o subtexto afetivo-volitivo;

Quem separou desde o início o pensamento do afeto fechou definitivamente para si mesmo o caminho para a explicação das causas do próprio pensamento, porque a análise determinista do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades, interesses, motivações e tendências motrizes do pensamento, que lhe orientam o movimento neste ou naquele aspecto. De igual maneira, quem separou o pensamento do afeto inviabilizou de antemão o estudo da influência reflexa do pensamento sobre a parte afetiva e volitiva da vida psíquica, uma vez que o exame determinista da vida do psiquismo exclui, como atribuição do pensamento, a força mágica de determinar o comportamento do homem através do seu próprio sistema, assim como a transformação do pensamento em apêndice indispensável do comportamento, em sua sombra impotente e inútil. (VIGOTSKI, 2009, p. 16).

O objetivo geral da presente pesquisa foi o de conhecer a base afetivo-volitiva da participação de pessoas com diferentes afiliações ideológicas que compuseram o movimento de 2013, bem como os movimentos que surgiram nos anos seguintes e que podem ser apontados como seus desdobramentos, visando analisar as motivações e a ideia de coletivo e de política que os configuram.

Para tanto, elege os objetivos específicos:

- Descrever as Manifestações de Junho de 2013, forma de atuação, liderança, diversidade dos participantes e os seus desdobramentos;
- Conhecer os sentidos e os significados de pessoas que representam a diversidade dos participantes, a ideia de comum e de política que elas contêm e os afetos que os sustentam;
- Retomar o debate sobre o conceito de multidão a partir destas análises.

Um dos pressupostos orientadores principais deste trabalho é a compreensão de que a realidade não está posta, mas é constantemente construída a partir da ação das pessoas. O processo de construção da realidade inclui a construção de conceitos e teorias para explicá-la. Portanto, parte indispensável para a análise de qualquer fenômeno, inclui a história das explicações sociais acerca daquele fenômeno. Assim, no

primeiro capítulo é apresentado o contexto no qual foram gestadas visões antagônicas das ações da multidão: as ideias de Le Bon e Freud, que influenciaram (e ainda influenciam) uma geração de pesquisadores, e as ações revolucionárias e os pressupostos espinosanos, que influenciaram as ideias de Marx e Vigotski e que vem inspirando importantes pensadores da atualidade.

O segundo capítulo é dedicado ao referencial teórico/metodológico que orienta a presente pesquisa: o materialismo histórico-dialético, particularmente na forma como foi elaborado na Psicologia de Vigotski, visando compreender a ação coletiva como produto da dialética objetividade/subjetividade. Aqui são descritos os instrumentos e a abordagem de análise utilizada.

O terceiro capítulo é fruto da pesquisa documental, contendo uma narrativa das Manifestações de Junho de 2013, a partir da análise dos dois principais jornais impressos do país, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, bem como a apresentação das reflexões existentes na literatura sobre as suas causas, mas sem deixar de observar o contexto histórico mundial. Identifica, ainda, o que pode ser considerado como desdobramento das Jornadas de Junho, apontando tratar-se de um fenômeno em curso no país, sem a pretensão de esgotá-los nesta elaboração.

O quarto capítulo dedica-se a apresentar os sujeitos participantes da pesquisa, evidenciando alguns aspectos das suas histórias que entendemos como relevantes para compreendermos como vivenciaram as relações políticas ao longo da vida.

O quinto capítulo discute os resultados da presente pesquisa e busca compreender a base afetivo-volitiva da participação dos sujeitos nos diferentes movimentos aqui pesquisados, utilizando os pressupostos da Psicologia Social Sócio-Histórica e a ontologia política de Espinosa.

Por fim, as considerações finais estão apresentadas no último capítulo, que através da sintetização das principais questões que surgiram durante a pesquisa, aborda os resultados mais relevantes e aponta os questionamentos que indicam a necessidade de pesquisas futuras.

1 CONCEITUANDO MULTIDÃO: uma escolha política?

As alterações no modo de produção e, conseqüentemente, na forma de organização da sociedade, provocadas pelas revoluções Industrial e Francesa no século XIX, foram responsáveis pelo surgimento de um fenômeno social que até então era pouco relevante para se tornar objeto de estudo: a ação da multidão, que atraiu o interesse de diferentes campos do saber, como a Sociologia e a Psicologia.

Por seu caráter turbilhonar e explosivo, que ameaçava a ruptura dos equilíbrios sociais e comportava o risco de tornar evidentes as contradições inerentes ao arranjo liberal da sociedade capitalista naquele momento, o estudo das multidões tornou-se fundamental para a manutenção do status quo. (CAIAFFO, SILVA, MACERATA e PILZ, 2007, p.1)

Mas como a neutralidade científica é questionável, uma vez que a posição ético-política, bem como as bases ontológicas e epistemológicas de um analista interfere diretamente nos resultados da análise, há posições distintas desse mesmo fenômeno: por um lado, a ação da multidão seria a expressão da regressão do indivíduo a estágios instintivos e irracionais, uma concepção individualizante e patologizante, que teve como principal expoente Gustave Le Bon (1841-1931), médico, sociólogo, psicólogo francês; por outro lado, a ação da multidão traduziria a revolta da classe oprimida e explorada, o que levaria a uma nova ordem social, que teve como principal expoente Karl Marx (1818-1883), filósofo, sociólogo, jornalista e revolucionário socialista, nascido na Alemanha, mas viveu parte da sua vida na França e no Reino Unido.

Assim, Psicologia e a Sociologia de origem europeia permaneceram tratando o mesmo objeto de estudo: a relação indivíduo-sociedade, sob perspectivas antagônicas por pelo menos meio século. Como consequência, a Psicologia deixou de fora os aspectos históricos e políticos dessa relação e a Sociologia os aspectos psicossociais.

1.1 Le Bon e Freud: a multidão irracional

Le Bon não apresentou ideias originais à sua época, chegando inclusive a ser acusado de plágio por outro autor, Scipio Sighele, seu contemporâneo. Contudo, teve sua obra *Psicologia das Multidões* (1895/2008) repercutida como precursora nos estudos sobre o comportamento do indivíduo em um coletivo, por suas ideias terem

transcendido os trabalhos anteriores. O conservadorismo que permeava a sociedade francesa naquela época fez com que a relação multidão-revolução fosse

determinante na maneira como a massa foi percebida por aqueles que se propuseram a refletir sobre ela, levando-os a enxergá-la invariavelmente como disruptiva da ordem social e, por isso, uma ameaça que deveria ser repelida e controlada. Ou seja, às massas coube o estigma de sua criminalização *a priori*, independente da legitimidade de suas reivindicações. (RICHTER, ORTOLANO e GIACOMINI, 2014, grifos no original)

Para Le Bon (2008), multidão não é simplesmente um aglomerado de pessoas reunidas ao acaso, mas é caracterizada pela formação de uma alma coletiva, em que a personalidade consciente e as características de cada indivíduo desaparecem, os pensamentos e sentimentos se orientam numa mesma direção, formando um único ser e se submetendo ao que chama de Lei da Unidade Mental das Multidões.

O autor francês afirma que a multidão apresenta características muito nítidas, como impulsividade, instabilidade, irracionalidade, intolerância; é movida por fortes sentimentos; é autoritária, conservadora e possui pouco senso crítico. Tais características são determinadas por três causas bem específicas: a primeira é o sentimento de poder, que é adquirido pelo grande número de pessoas, assim desaparece o sentimento de responsabilidade e os indivíduos cedem a instintos reprimidos; a segunda causa é o contágio mental, pois todo sentimento e toda ação são contagiosos, ou seja, são transmitidos de uns aos outros por contágio, sem que o indivíduo raciocine ou leve em consideração o seu desejo pessoal; por fim, a terceira causa é a sugestão, associado aos fenômenos de ordem hipnótica, na qual o indivíduo é sugestível por um hipnotizador, ou seja, ele é subjugado à figura de um líder, logo não tem consciência de seus atos (LE BON, 2008).

No século XX, quando os ideais nazistas e fascistas começaram a ganhar força na Europa devastada pela Primeira Guerra Mundial, Freud, médico vienense e criador da psicanálise, publica seu livro *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/2011), no qual procurou compreender como a multidão adquire a capacidade de influenciar a vida psíquica do indivíduo, alterando sua reação individual no momento em que se torna parte dela.

Freud parte da descrição leboniana de multidão, por esta concordar com a sua psicologia ao colocar ênfase na vida psíquica inconsciente. Porém, enfatiza que todas as características negativas ao indivíduo causadas por ela decorrem do fato de Le Bon e

demais autores com posições semelhantes tratem de uma multidão específica, as massas efêmeras, que se juntam rapidamente com indivíduos heterogêneos e objetivos específicos. Porém, outros coletivos, aqueles que se institucionalizam na sociedade, podem ter um efeito positivo sobre a criação individual.

No tocante à realização intelectual, continua verdadeiro que as grandes decisões do trabalho do pensamento, as descobertas e soluções de enorme consequência, são possíveis apenas para o indivíduo que trabalha na solidão. Mas também a alma coletiva é capaz de geniais criações do espírito, como a própria língua demonstra, acima de tudo, e também o canto popular, o folclore etc. E continua em aberto, além disso, o quanto o pensador ou poeta individual deve aos estímulos da massa em que vive, se ele é mais que o consumidor de um trabalho anímico no qual os outros colaboraram simultaneamente. (FREUD, 2011, p. 33)

Para isso, o criador da psicanálise apoia-se nas ideias de William McDougall (1920, apud FREUD, 2011), o qual afirma que as características dos indivíduos que foram extintas no processo formação da multidão – o sentimento de continuidade na existência, a consciência de si, de seus hábitos e tradições e a diferenciação entre seus membros – podem lhe ser fornecidas novamente, diminuindo, assim, alguns dos seus efeitos negativos. Porém, não desaparecem totalmente, pois somente com a diminuição do senso crítico a multidão é capaz de existir.

A grande crítica de Freud aos estudos até então existentes sobre a multidão era o uso da sugestão como explicação para o processo de transformação dos indivíduos em uma alma coletiva, pois apesar de reconhecer que existia certo esforço ao longo de trinta anos para formular corretamente o uso do conceito, não havia nenhuma tentativa em explicar a natureza desse fenômeno. E é exatamente nesse ponto que ele apresenta sua contribuição a este campo de estudo, visando compreender as condições em que se produzem influências sem um fundamento lógico.

Freud (2011) parte da hipótese de que a afetividade constitui a essência da alma coletiva, para isso ele usa o conceito de libido, energia sexual que está relacionada a todo e qualquer tipo amor. Ele afirma que na multidão existe uma ligação afetiva em duas direções: uma entre cada membro e o líder e outra nos indivíduos da massa entre si. Essa ligação é a responsável pela mudança e limitação na personalidade dos indivíduos, resultando na sua ausência de liberdade. Contudo, como na multidão o indivíduo desaparece, o autor conclui que as relações libidinais presentes na essência da sua formação não são sexualizadas.

Até então, a teoria psicanalítica havia se ocupado em estudar as ligações libidinais com finalidades sexuais, uma vez que a referida teoria postula que toda e qualquer relação amorosa (quer seja o amor entre pais e filhos ou entre os amigos) são expressões instintuais dos mesmos impulsos que conduzem à união sexual. Assim, a descoberta de ligações libidinais de uma nova espécie levou Freud a investigar um outro tipo de mecanismo de ligação afetiva, capaz de explicar as ligações que ocorrem no interior das multidões, e percebe que essa relação é da mesma natureza da identificação, a mais antiga e original manifestação de uma ligação afetiva. E no caso da multidão é o tipo de ligação com o líder (FREUD, 2011).

Para Freud (2011, p. 55), o líder também é uma figura central na formação da multidão, chegando, inclusive, a afirmar que “as massas com líder são as mais primordiais e mais completas”. Ao considerar a existência de uma multidão sem líder, o autor sugere que esta figura pode ser substituída por uma ideia ou uma abstração, uma tendência comum ou um desejo partilhável.

As diversas ligações afetivas descritas acima servem para explicar uma única característica de multidão, a formação da alma coletiva. No entanto, Freud (2011) também se lança a compreender as outras características descritas por Le Bon, como a perda da individualidade, da capacidade intelectual e a inibição da autonomia do sujeito quando está na multidão. Para o psicanalista, os seres humanos têm uma característica inata, procedente também da libido, que faz com que busquem se juntar em unidades cada vez mais abrangentes: o indivíduo sente-se incompleto quando está só e, além disso, antes de buscar instintivamente se inserir em grupos, busca ser conduzido por um chefe.

O estudo da multidão revela a dimensão política e social da emoção, ou seja, permite o surgimento da emoção, ainda que negativa, como fundante de um comportamento coletivo. Porém Le Bon e Freud tratam razão e emoção de maneira dicotômica, como se emoção e razão fossem polos completamente opostos. Ambos enfatizam que na multidão a afetividade é extraordinariamente elevada e a capacidade intelectual claramente diminuída, isto é, o aumento das ligações afetivas é inversamente proporcional à autonomia do indivíduo. E a negatividade da multidão está em fazer com que o indivíduo regreda do ponto de vista intelectual, social e cultural.

1.2 Vigotski, Marx e Espinosa: a multidão como potência

Lev Vigotski (1896-1934) não se deteve a estudar especificamente a ação das multidões, mas no desenvolvimento de sua teoria, oferece subsídios para rebater a concepção dominante e pensar na multidão como um importante instrumento de transformação social.

Se Le Bon tem como pano de fundo o surgimento de uma nova etapa do sistema capitalista firmemente ancorada no pensamento liberal para formular sua teoria sobre a multidão, Vigotski tem os pressupostos a Revolução Russa e o surgimento da sociedade socialista como contexto. Nascido na Bielorrússia, região que pertencia ao Império Russo, Vigotski era formado em Direito, Literatura e História, um crítico de arte e entusiasmado com o homem revolucionário, tinha como missão a construção do homem novo, o homem socialista.

Vigotski (1923/1998) fez uma resenha do livro *Dez Dias que Abalaram o Mundo*, do norte-americano John Reed, que o considera “*el relato más exacto de la Revolución de Octubre*” (Idem, p. 97) e, a partir dessa leitura, enfatiza o caráter positivo e heroico da multidão. Na resenha, Vigotski faz várias citações de Reed que evidenciam como cada soldado tinha uma consciência revolucionária e a revolução era vontade da multidão, cabendo aos líderes apenas “*coordinar, fusionar estos regimientos separados, pero la revolución funcionaba desde abajo hacia arriba, desde el corazón al cerebro como la sangre em el cuerpo, desde el soldado hacia el comandante em jefe, y no en sentido inverso*” (Ibidem, p. 98).

A multidão heroica de Vigotski é a multidão defendida por Marx (o proletariado), que consiste no “motor da história”, responsável pela transformação que culminaria na sociedade comunista. Aqui, a ação das pessoas é central para se alcançar mudanças no modo de vida, que só é possível como resultado de uma luta coletiva, porque as condições de vida são histórica e socialmente determinadas. Como afirma Marx (2011, p. 25), “os homens fazem sua própria história; contudo não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram”.

Portanto, se chegar a essa multidão revolucionária, as pessoas precisam adquirir uma consciência de classe, que se adquire a partir da atividade.

Para compreender essa multidão-potência recorro à filosofia espinosana, cujos pressupostos influenciaram tanto Marx quanto Vigotski. Assim como Marx, Espinosa também tratou de uma multidão específica, a *multitudo*, cuja grafia será mantida no latim para diferenciá-la das demais.

Baruch de Espinosa (1632-1677) foi um filósofo holandês que viveu e desenvolveu seu pensamento filosófico no período marcado pelo conflito religioso que assolava a Europa – e para compreender as suas ideias é fundamental compreender esse contexto. Filho de judeus espanhóis que se mudaram para Portugal e depois para a Holanda por causa das perseguições religiosas, mas vinham incorporando hábitos do catolicismo para fugir da Inquisição. Espinosa teve uma educação judaica, estudou hebraico e a história do povo judeu, mas também teve uma formação jesuíta e aprendeu latim, grego, a filosofia de Descartes⁹, a escolástica¹⁰ e, também, sobre as Ciências Naturais. Além disso, ele estudou também matemática, metafísica e medicina (SANTOS, 2015).

“Todo esse conhecimento fez com que ele desenvolvesse uma filosofia marcada por uma crítica às escrituras e as práticas religiosas que impedem que o ser humano viva em sua potencialidade” (Idem, p. 45). Sendo assim, Espinosa estava preocupado em combater a cosmologia judaico-cristã, predominante em sua época: um Deus perfeito criou um ser humano perfeito e o erro, resultado dos desejos, era uma criação humana que o afastava da perfeição, logo, deveria ser evitado.

Espinosa, ao buscar compreender a natureza e o lugar que o ser humano ocupa nela, rompe com a tradição filosófica ocidental, apresentando uma nova ética. Vale ressaltar que ética, no sentido filosófico, é uma reflexão teórica que visa compreender o modo de conviver dos indivíduos, não se limitando ao estudo da moral, das normas e costumes de um povo. A ética, neste contexto, é a busca pelo melhor modo de viver a vida privada e a vida coletiva, como nos esclarece Chauí:

Para o senso comum, Ética e Moral são uma só e mesma coisa: doutrina dos deveres do homem. A Ética nada tem a ver com os deveres: aliás, para Espinosa, quem age por dever não é autônomo, não é livre, age por mandamento. A Ética é a definição (ou apresentação genética) do ser do homem *tal como ele é*, e demonstrando *porque* o homem é tal como é. Assim

⁹ René Descartes, filósofo, físico e matemático francês (1596-1650).

¹⁰ Tomás de Aquino (1224-1274) é identificado como principal expoente deste método de ensino dominante nas universidades medievais europeias entre os séculos XII e XVI, voltado a conciliar a fé cristã ao pensamento racional da filosofia grega.

procedendo, Espinosa recupera o sentido grego de *ethos*: modo ou maneira de ser. (CHAUÍ, 1983, p. XIV, grifos no original)

Para Espinosa, Deus é uma substância da qual resultam todas as outras coisas, ou seja, todos os seres, incluindo o ser humano, são modos diferente dessa substância e o objetivo de cada ser é perseverar e se preservar na existência. Isso se dá por meio dos encontros: um bom encontro aumenta a potência de vida (*conatus*) e produz alegria; por outro lado, um mau encontro diminui essa potência, causa tristeza e leva à paixão, que pode ser triste ou alegre, mas, de toda forma, mantém na servidão. Esses encontros – os bons e os maus – são possíveis pela capacidade que todo ser tem de afetar e de ser afetado.

Contraopondo-se à ordem aristotélica, que define o que é o bem e o que é o mal, Espinosa afirma que os homens não são bons e nem maus, são seres de desejos, e não há nada na sua essência que faça o seu desejo ser nocivo a ele próprio e quando o faz ele está na ilusão, pois acredita que está fazendo algo que compõe com seu corpo e a sua mente.

Em relação à política, essa concepção de que todas as coisas passam a existir segundo as mesmas leis da Natureza, aparece como Direito Natural, o seja, todos têm o mesmo direito sobre a natureza, e consiste na capacidade que todo ser tem de existir e agir, ou seja, de manter-se na própria existência. “O direito de cada indivíduo estende-se até onde se estende o seu poder” (*TP*, cap II, §4), então, se esse direito fosse exercido individualmente, os seres humanos viveriam em uma guerra ilimitada pela sobrevivência, pois cada um para garantir a sua existência viveria constantemente oprimindo e sendo oprimido pelos outros indivíduos, ou seja, todos teriam o seu direito natural ameaçado pela garantia do direito natural do outro.

A maneira que os indivíduos encontraram para garantir o direito natural de cada um, foi estabelecendo um consenso, criando regras que tinham em vista o bem comum: “Se dois indivíduos se unem e associam suas forças, aumentam assim, o seu poder e, por conseguinte, o seu direito. E quanto mais indivíduos formem alianças, mais, em conjunto, terão direitos” (*TP*, cap II, §13), formando a *multitudo*, que é um sujeito político e que pode transferir o seu poder para um soberano governar (constituição do Estado). Assim, “o direito do Estado ou dos poderosos soberanos, outra coisa não é que o próprio direito natural, enquanto é determinado, não pelo poder de

cada indivíduo isoladamente, mas pelo da multidão, agindo como uma só alma” (TP, cap III, §2).

Dentro dessa concepção, a *multitudo* é um recurso político contra a dominação, uma forma de equilibrar o poder do soberano, impedindo a desmesura do poder. Espinosa coloca a política no campo do desejo, pois é uma busca de fortalecimento da potência de vida e, conseqüentemente, no campo dos afetos e da emoção. Ressalta-se que ele enfatiza o caráter mais positivo dos afetos:

Uma de suas contribuições mais importante situa-se na concepção de emoção como positividade epistemológica e política, deslocando o político para o campo da ética e desta para o das emoções e vice versa, isto é, transferindo as emoções do campo dos instintos para o do conhecimento, da ética e da política, sem negar-lhe o caráter de afecção corporal. (SAWAIA, 2000, p. 6)

Na filosofia espinosana, razão e emoção não se contrapõem, uma não anula e nem diminui a outra, ambas são consonantes, pois a própria razão é um afeto, um desejo de encontrar ou criar possibilidades de sentir alegria na vida e de evitar as condições que provocam tristeza. Por sua vez, o próprio desejo/razão não depende da vontade livre, mas das afetações sofridas nos diversos encontros ao longo de sua história. Espinosa é o primeiro filósofo a colocar a história dentro da Filosofia, pois a história é o lugar em que corpo e alma se encontram. Pois é somente no mundo real, construído historicamente que os encontros e as afetações são possíveis.

Em seu Tratado Político (TP), Espinosa denuncia que, ao se tratar as paixões humanas como vícios a serem combatidos, perde-se o ser humano tal qual ele, criando quem gostariam que fosse, portanto “em lugar de uma Ética, a mor [sic] parte das vezes fizeram uma Sátira, e jamais conceberam uma política praticável” (TP, cap I, §1). Por esta razão, os políticos acabariam mais preocupados em desenvolver a sua astúcia para criar armadilhas aos seus semelhantes, do que em desenvolver a sabedoria para cuidar dos interesses de todos e, assim, as pessoas passam a ser governados mais pelo medo do que pela razão.

A Ética espinosana postula que as paixões são propriedades inerentes à natureza dos seres humanos, ou seja, as pessoas são parte da natureza. Assim, o ódio, a inveja, o amor e a misericórdia estão para os indivíduos assim como o quente, o frio, as tempestades e o trovão estão para a atmosfera. São fenômenos que, mesmo se incômodos, produzem-se por meio de causas determinadas e, portanto, devem ser compreendidos (TP, cap I, §4).

O filósofo holandês utiliza a ideia de *multitudo* para defender a democracia como o regime político mais libertador e, apesar de centrar seus esforços em demonstrar o lado potencializador da multidão, reconhece sua índole mutável, podendo também se apresentar de maneira servil¹¹. Assim, a grande questão da filosofia espinosana era saber porque as pessoas lutavam pela sua servidão acreditando que estavam lutando pela sua liberdade. Para ele, a servidão é uma ilusão de liberdade, pois está baseada em um fator externo ao indivíduo (heteronomia), que depende de algo que está fora dele para ser feliz. Logo, não tem liberdade.

Chauí (2011) afirma que quando a pessoa age de maneira heterônoma, experimenta quatro situações simultaneamente: a alienação, que é a própria ilusão; a contraditoriedade, apesar de enxergar o que é melhor para si, o indivíduo é coagido a fazer o pior; a violência, ao atuar sob paixões tristes o indivíduo pode ser levado a fazer ou desejar o pior ao outro; e a fraqueza, o indivíduo perde ou tem os seus direitos diminuídos.

Para o indivíduo saber se está caminhando para servidão ou para a liberdade em suas ações, ele deve buscar os motivos da sua ação, avançando nos estágios do conhecimento. Segundo Espinosa, é da natureza do corpo imaginar pois o indivíduo é um ser de imaginação e este é o primeiro estágio do conhecimento – a imagem criada ao corpo ser afetado –, que pode facilmente levá-lo à ilusão (ou causa inadequada). O segundo estágio do conhecimento se dá pelo uso da razão, em que o indivíduo deve buscar as causas adequadas da sua ação/emoção.

O comum está para além da multidão ressoar uma única palavra de ordem ou se unir em torno de uma motivação compartilhada por um determinado grupo, mas com interesse em vantagens ou privilégios individuais. O comum está relacionado ao consenso que garante a expansão do *conatus* de todos.

Grandes pensadores da atualidade¹² estão reafirmando a hipótese do comunismo como enfrentamento ao estágio atual do capitalismo. Eles não defendem o comunismo como um sistema político ou um adjetivo que qualifica um tipo de política, mas o tratam como um conceito filosófico, recuperando a sua visão igualitária de ser

¹¹ Ele presenciou a multidão assassinar os irmãos de Vit, dois republicanos que lutaram contra a monarquia dos Oranges.

¹² Em 2010 foi publicada a obra “*Sobre la idea del comunismo*” (BADIOU, et al), que reúne as conferências do simpósio internacional com o mesmo nome, realizado em Londres no ano de 2009. Dentre os pensadores temos Badiou, Hardt, Negri e Zizek.

humano e de sociedade. A partir dessa reflexão, o comum aparece como uma ideia norteadora do processo político e a base para se pensar uma nova forma de organização da sociedade.

Notadamente, o comunismo é definido não apenas pela abolição da propriedade privada, mas também pela afirmação do comum – a afirmação da produção biopolítica autônoma e livre, a criação contínua e independente de uma nova humanidade. Em termos mais sintéticos, o comum está para o comunismo, como a propriedade privada está para o capitalismo e a propriedade pública para o socialismo. (HARDT, 2010, p. 144)

Sawaia (2014, p. 11) destaca que “antes da luta de classes se tornar o centro da história, Espinosa, no século XVI, denuncia a dominação, a desigualdade”. Com o avanço do capitalismo, as formas de dominação do capital e a cooptação do comum vão ficando cada vez mais sofisticadas; os instrumentos de resistência e de luta pela transformação, cada vez mais apropriados. Assim, a linha que separa o comum do capital e a liberdade da servidão vai ficando cada vez mais tênue.

Os filósofos políticos Hardt e Negri têm usado na atualidade o referencial espinosano para pensar o mundo atual. Eles definem multidão como um conjunto de singularidades cujas ações se baseiam naquilo que os indivíduos têm em comum, formada por atores sociais ativos cuja participação pressupõe intencionalidade, motivação e interesse, diferenciando de outros agrupamentos humanos, como povo, massa ou turba (HARDT e NEGRI, 2005). Para estes autores, multidão é um sujeito político de resistência à nova forma de soberania global e, assim, aparece como um conceito de classe por identificar as condições existentes de uma potencial luta coletiva pelo comum.

Os estudos de Hardt e Negri encontram lugar nesta pesquisa no sentido de contribuir com as reflexões que direcionam o olhar para a realidade atual, tendo em vista que são autores contemporâneos. Suas elaborações ajudam, ainda, a salientar a percepção de que existem outros pesquisadores que formulam a partir de autores que constam no referencial teórico desta pesquisa, Espinosa e Marx. Juntamente com estes, Vigotski soma na compreensão de que a multidão é um recurso político de fortalecimento da potência de vida coletiva, formada por singularidades, sendo uma estratégia política eficaz para evitar as desmesuras do poder, reflexão que norteia a percepção deste estudo sobre o tema.

Em síntese todos concordam que a multidão é um recurso político de fortalecimento da potência de vida coletiva e de imposição do medo aos que impõem o medo ao povo, sendo uma estratégia política eficaz para evitar as desmesuras do poder

2 ESCOLHA DO MÉTODO DE INSPIRAÇÃO VIGOTSKIANA

A forma de abordagem psicossocial da presente pesquisa é marcada pelo método dialético de Vigotski, resgatando suas bases materiais, esta leitura nos permite aproximarmos da complexidade do psiquismo conforme proposta por este autor.

O autor (2004), ao analisar as diferentes abordagens teórico-metodológicas que configuravam o campo da psicologia no início do século XX, se deparou com referências completamente distintos e até mesmo antagônicos e propôs a criação de uma psicologia geral, capaz de abarcar todas as outras e assim superar essa cisão, o que seria possível com a adoção do método dialético, a “criação de uma psicologia geral cujos conceitos se formulem em dependência direta da dialética geral, porque essa psicologia nada seria além da dialética da psicologia[...]” (VIGOTSKI, 1927/2004, p. 392).

Isso permitiria que os diferentes aspectos que constituem o indivíduo fossem vistos em sua totalidade e em relação com o contexto social. Para isso, inspira-se na filosofia monista de Espinosa e no método materialista histórico dialético de Marx¹³, propondo para a psicologia não só um novo método, mas também uma nova forma de compreender a realidade: “[...] toda apresentação fundamentalmente nova dos problemas científicos, conduz inevitavelmente a novos métodos e técnicas de investigação. O objeto e o método de investigação mantêm uma relação muito estreita” (VIGOTSKI, 1995, p. 47).

Esse método “nos dá as bases para compreender o processo no qual o movimento que se inicia na materialidade posteriormente se converte em um aspecto subjetivo” (SANTOS, 2015, p. 56), ou seja, o desenvolvimento dos fenômenos psíquicos não é resultado nem da ação isolada da natureza e nem da cultura, mas a partir da relação dialética que se estabelece entre esses dois polos, em um determinado período histórico. Portanto, existe uma base biológica que se desenvolve a partir das mediações sociais, sendo que para compreender os processos psicológicos mais simples é necessário compreender os processos mais complexos. Cada parte representa uma

¹³ É importante destacar que a Psicologia de Vigotski recebeu diferentes apropriações ao longo da história e que hoje isso se converte em uma série de interpretações distintas. No Brasil podemos concentrá-las em dois grandes grupos: o primeiro deles baseia-se nas primeiras obras cuja tradução veio pelos Estados Unidos. Essa tradução é famosa pela grande quantidade de cortes e pela retirada de todas as referências ao marxismo, gerando uma interpretação cognitivista da obra de Vigotski. A segunda busca resgatar o embasamento no Materialismo Histórico-Dialético, partindo das inúmeras referências que Vigotski faz a este método em sua obra.

unidade de análise do todo, e a totalidade é mais do que a soma isolada das partes, de acordo com Vigotski (1995, p. 99-100):

[...] o próprio sentido da análise deve ser modificado em sua raiz. Sua tarefa fundamental não é decompor o todo psicológico em partes e inclusive em fragmentos, mas destacar do conjunto psicológico integral determinados traços e momentos que conservam a primazia do todo.

Essa relação entre o indivíduo e o meio só pode ser entendida por meio da dialética singular/particular/universal (movimento dialético), que, segundo Oliveira (2001) se manifesta na contradição entre a singularidade (indivíduo) e a universalidade (gênero humano) e se concretiza através das múltiplas mediações – tema que trataremos mais adiante - que são determinadas pelas relações sociais específicas do contexto (a particularidade) em que este indivíduo está inserido. A proposta analítica do método é compreender o objeto/fenômeno em sua perspectiva dinâmica, capturando sua mudança dialética, ou seja, o seu processo histórico.

Sobre a importância da compreensão histórica, Vigotski (1995, p. 6) afirma:

[...] o estudo histórico, diga-se de passagem, simplesmente significa aplicar as categorias do desenvolvimento à investigação dos fenômenos. Estudar algo historicamente significa estudá-lo em movimento no seu desenvolvimento histórico. Essa é a exigência fundamental do método dialético. Quando em uma investigação se abrange o processo de desenvolvimento de algum fenômeno em todas as suas fases e mudanças, desde que surja até que desapareça, isso implica dar visibilidade a sua natureza, conhecer sua essência, já que só em movimento o corpo demonstra que existe. Assim, a investigação histórica da conduta não é algo que complementa ou ajuda o estudo teórico, senão que constitui o seu fundamento.

Esse movimento dialético é permeado por contradições e discordâncias, que, de acordo com Oliveira (2001), caracterizam as leis centrais da dialética: a primeira é a lei da contraditoriedade, todo fenômeno é constituído por polos opostos, que não se excluem, mas se complementam (tese – antítese). E a segunda lei da dialética é a negação da negação, que tem como objetivo a criação de algo novo (síntese). É o vir a ser do movimento da realidade objetiva.

Sendo assim, para Vigotski (1999b), o fenômeno psicológico deve ser estudado em sua totalidade, e para isso não basta olhar apenas para o produto final, mas para o processo no qual ele se desenvolve. Se a realidade é dialética, a única forma possível de apreendê-la é por meio do método dialético, superando assim as cisões e dicotomias existentes entre individual/coletivo, subjetividade/objetividade, biológico/cultural.

Uma categoria fundamental da dialética é a mediação Vigotski (1999b), a partir da qual, é possível entender o psiquismo como singularidade e ao mesmo tempo determinado socialmente. Vigotski destaca as mediações simbólicas que cumprem a função de instrumentos mediadores e fazem parte de um sistema simbólico que só podem ser compreendidos dentro de um determinado contexto, sendo estes responsáveis por dar significado à realidade (VIGOTSKI, 2009). Nessa reflexão Vigotski traz uma importante contribuição para a psicologia social ao analisar os sentidos pela mediação dialética, segundo ele, os sentidos têm duas dimensões inseparáveis, mas específicas: o sentido e o significado.

Significados são as ideias socialmente dominantes, dicionarizáveis, compartilhado nas relações, mantém relativa estabilidade e é o que permite que, em uma conversação, falante e ouvinte compreendam o tema que está sendo tratado. Entretanto, nos sujeitos particulares, o significado adquire também sentido, que se refere à forma como cada sujeito específico relaciona-se com esse significado, as experiências, as emoções que se ligam a ele, etc., o significado, portanto, é parte constituinte do sentido que o sujeito atribuirá ao signo, assim sentido e significado não podem ser compreendidos separadamente, formando uma unidade de análise.

Os sentidos/significados são produzidos nas relações entre as pessoas por meio da atividade, essa, por sua vez, é motivada. Não há ação que não seja motivada, e a motivação para Vigotski (2009) afetivo-volitiva (emoção, desejo e necessidade) Assim, ele completa um círculo dialético, superando a cisão entre o sentir, o pensar e o agir. Assim, as ações do indivíduo não podem ser resultado de funções psicológicas isoladas, um comportamento que seja potencialmente transformador deve caracterizar-se por uma unidade entre os processos de pensar-sentir-agir.

O que nos permite estudar uma multidão a partir de entrevistas de indivíduos singulares, é a forma como Vigotski concebe o objeto de estudo da Psicologia Social: o psiquismo de um indivíduo particular, pois qualquer ação humana, individual ou coletiva, é fruto da atividade do psiquismo humano, que por sua vez é socialmente constituído. Para o autor, é no movimento mais íntimo e pessoal do pensamento e do sentimento, que o psiquismo de um indivíduo particular é “efetivamente social e socialmente condicionado” (VIGOTSKI, 1999, p. 14).

A análise das informações obtidas tem o objetivo de buscar o subtexto “revelar cada pensamento e cada desejo que está por trás da enunciação” (VIGOSTSKI, 1999b, p. 477). Para tanto, as informações serão situadas historicamente, confrontando-as com a análise da história do movimento e com os pressupostos da teoria da Psicologia Socio-histórica, partindo da ideia de subtexto, onde se encontram os sentidos, muitas vezes não revelados pela análise linguística.

A ideia de subtexto relaciona-se com o sentido/significado enquanto unidade de análise, tudo o que o indivíduo sente, pensa, a sua história e as suas motivações, enfim, tudo o que caracteriza enquanto singularidade, aparece de forma condensada no que Vigotski (1999b) nomeia de fala interior. Ali, sentido e significado estão juntos, mas o predomínio é do sentido, das experiências e vivências pessoais.

Quando uma pergunta é evocada ao indivíduo existe todo um trabalho do psiquismo para organizar a resposta – essa ação mobiliza todas as funções psicológicas superiores (como a memória, para lembrar o que aconteceu; a atenção, para ouvir e responder a pergunta, por exemplo). Acontece que nesse processo é necessário considerar uma série de outras questões, entre elas o fato de quem pergunta, porque pergunta, o ambiente em que isso é feito, etc. e a partir dessas questões a gente vai gradativamente elaborando as respostas até transformar tudo em uma linguagem exterior, em algo que vai ser compreendido – por isso aqui o predomínio vai ser do significado sobre o sentido.

Assim, compreender o subtexto é, diante das falas (ou das ações) tentar compreender o que motivou a pessoa a dizer aquilo, ou seja, a base afetivo-volitiva. Ainda de acordo com Vigotski (1999b, p. 481):

Para entender o discurso do outro, nunca é necessário entender apenas umas palavras; precisamos entender o seu pensamento. Mas é incompleta a compreensão do pensamento do interlocutor sem a compreensão do motivo que o levou a emití-lo. De igual maneira, na análise psicológica de qualquer enunciado só chegamos ao fim quando descobirmos esse plano interior último e mais encoberto do pensamento verbal: a sua motivação.

Estudar o subtexto é entender os motivos das respostas – que vão estar presentes nas próprias respostas, porque elas carregam isso; mas também na história.

Assim, realizamos uma análise psicossocial das Manifestações de Junho de 2013 e dos seus desdobramentos, e isso requer um olhar para os sentidos e os significados da participação de diferentes sujeitos para conhecer as suas bases afetivo-

volitivas, sem perder de vista a compreensão dessa participação como produto da dialética objetividade/subjetividade.

2.1 Procedimentos

Seguindo essas orientações metodológicas, optei por procedimentos variados para inserir o objeto de estudo na história, analisá-lo na contraditoriedade que o constitui e o transitar dos acontecimentos sociais aos sentidos singulares.

Como resultado de uma pesquisa documental, o capítulo 3 dedica-se a apresentar o objeto de estudo. Para isso utilizo a mídia impressa – Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo – que são os dois jornais mais importantes do país e com tendências ideológicas diferentes. Uma tabela foi construída para apresentar o ato, a data da manifestação, a data da publicação, os jornais consultados, o título da reportagem, os principais pontos abordados e o número de participantes divulgados na matéria. Também é importante considerar a opção por eleger para o relato a principal notícia sobre a manifestação na cidade de São Paulo publicada caderno local dos jornais analisados ¹⁴. Os atos retratados nesta tabela foram os que aconteceram até o dia seguinte ao anúncio da revogação da tarifa, período em que o MPL se retira da mobilização dos atos e o movimento começa gradativamente a enfraquecer.

A literatura sobre o tema também foi pesquisada, assim apresentamos por meio de uma narrativa a maneira como as diferentes áreas do conhecimento analisaram o fenômeno ocorrido. Além disso, as manifestações que considero como desdobramento das Jornadas de Junho, também foram explicitadas.

Com o intuito de compreender a totalidade dos movimentos, entrevistamos seis pessoas que participaram das Manifestações de Junho de 2013 e/ou dos movimentos que compreendemos como os mais relevantes, levando em consideração a dimensão numérica e importância política atingida: as manifestações *pró-impeachment*, as manifestações por direitos, a luta dos estudantes secundaristas e as manifestações pelo passe livre ocorridas em 2015, quando a passagem aumentou de R\$3,00 para R\$3,50.

¹⁴ Cotidiano, no caso da Folha de São Paulo, e Metrópole, em O Estado de São Paulo.

Os sujeitos são todos moradores da cidade de São Paulo; militantes e ativistas ligados previamente a diferentes movimentos sociais ou não; de ambos os sexos; e foram escolhidos de maneira a garantir a maior diversidade possível, a partir de indicações de pessoas que conheciam os objetivos da presente pesquisa e selecionados de maneira que garantisse paridade entre os grupos ideológicos representados (direita e esquerda), que contemplasse lideranças (entendendo que mesmo nos movimentos de estrutura e organização horizontal, existe um grupo inicial que minimamente cuida da mobilização e pauta desses atos) e participantes que se afiliaram posteriormente ao movimento, e que garantisse também o envolvimento com desdobramentos diferentes e divergentes.

Todos aceitaram participar da pesquisa, sendo informados dos objetivos por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 1), e os nomes dos participantes que se encontram nesse trabalho são fictícios, de maneira a preservar a identidade dos participantes.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, orientadas por um roteiro prévio (anexo 2), permitindo que fossem respondidas de maneira livre e espontânea. As entrevistas foram gravadas e transcritas.

3 JUNHO DE 2013: o mês que não acabou

O mês de junho de 2013 foi marcado por uma onda de protestos no Brasil, denominados pelos participantes como atos públicos e identificado pela literatura existente como Jornadas de Junho ou Manifestações de Junho de 2013. Contudo, três anos antes, movimentos com características similares eclodiram em outros lugares do mundo (ZIZEK, 2013; GOHN, 2014).

A chamada *Primavera Árabe*, iniciada na Tunísia, em 2010, e que se espalhou para o Egito, Bahrein, Iêmen, Líbia e Síria, inaugurou uma nova forma de organizar protestos, com manifestações mobilizadas através da internet (GOHN, 2014).

Apesar dos diferentes resultados, o mundo todo pode acompanhar as ações por meio das redes sociais: o desespero do jovem tunisiano vendedor de frutas que ateou fogo no próprio corpo, em dezembro de 2010, como protesto pelo confisco arbitrário de sua mercadoria, deu origem a uma onda de manifestações no país.

Se a mobilização dos tunisianos derrubou o ditador Zine al-Abidine Bem Ali (14 de janeiro de 2011), que governava o país há mais de 10 anos em um regime autoritário, no Egito, onze dias depois, uma marcha convocada pela internet reuniu cerca de 15 mil pessoas na Praça Tahrir, seguida de uma onda de protestos que se espalharam pelo país, com o intuito de derrubar o ditador Hosni Mubarak, no poder há 30 anos. Mesmo com o bloqueio da internet os protestos mantiveram-se mobilizados, com concentração permanente na Praça Tahrir e chegando a reunir, em 1º de fevereiro do mesmo ano, mais de 2 milhões de pessoas. As mobilizações no Egito também derrubaram um ditador: Mubarak renunciou em 11 de fevereiro de 2011.

Na Espanha, a semana que antecedeu às eleições nacionais foi marcada por protestos. Os espanhóis se queixavam da influência das instituições financeiras nos rumos da política, em meio a uma das piores recessões econômicas de sua história. Iniciada em 15 de maio, na cidade de Madri, os protestos ficaram conhecidos como Movimento dos Indignados e deram origem ao Movimento 15 de Maio (ou 15M, em referência à data dos primeiros protestos) e o *Democracia Real Ya*.

Nos Estados Unidos, em setembro de 2011, o *Occupy Wall Street* ganhou força em decorrência da crise econômica daquele país e mobilizou, através das redes sociais, pessoas que por 60 dias permaneceram acampadas no Parque Zuccotti, em Nova York.

O *Occupy* chegou também à Europa: Alemanha, França, Portugal e Reino Unido também registram ocupações similares.

Na Grécia o povo foi às ruas em manifestações e conflitos ao longo do ano de 2011 e início de 2012 contra as consequências geradas pela crise do Euro, dentre elas as privatizações, cortes nas despesas públicas, majoração de impostos e taxas e intervenção do Fundo Monetário Internacional (FMI).

O Brasil, durante este mesmo período experimentava o surgimento de manifestações convocadas através da internet e fortemente marcadas pela irreverência na forma de protestar, ironizando posicionamentos caracterizados pelo preconceito de setores sociais mais abastados economicamente contra grupos populares da sociedade.

O primeiro movimento nesse formato que tomou repercussão foi o Churrascão da Gente Diferenciada, que ocorreu no dia 14 de maio de 2011, em Higienópolis, bairro nobre da capital paulista, motivado pela desistência do Governo do Estado de São Paulo em construir uma estação do Metrô na principal avenida do bairro. O nome do ato teve origem na entrevista/declaração de uma moradora da região ao jornal Folha de São Paulo, dizendo que o metrô atrairia “drogados, mendigos, uma gente diferenciada¹⁵”. Em dois dias o evento criado no Facebook para divulgação da atividade recebeu 55 mil confirmações e cerca de 4 mil pessoas participaram do protesto, que não teve uma liderança identificada e atraiu pessoas de perfil social diverso com cartazes bem-humorados, churrasqueiras portáteis e isopor com cervejas, simulando festividades realizadas nas periferias.

Zin (2012) trata dos movimentos que mobilizam os setores constantemente alvos do uso repressivo da força policial, identificados por ele como os jovens e aqueles excluídos socialmente. O autor aponta a influência desta conjuntura política internacional nos protestos e manifestações que ganharam fôlego neste período através de reivindicações diversas, como a Marcha das Vadias¹⁶, a Marcha Contra a

¹⁵ Reportagem na íntegra disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/05/1454064-construcao-da-estacao-higienopolis-deve-comecar-ainda-neste-ano.shtml>> Acesso em 23/07/2016.

¹⁶ Movimento que teve início no Canadá, quando um oficial de segurança, ao ministrar uma palestra, orientou as mulheres “a não se vestirem como vadias” como medida de segurança para evitar o estupro, o que causou revolta nas mulheres canadenses, levando mais de 3 mil mulheres às ruas para protestar. No Brasil, as marchas adquiriram um caráter de protesto que vai além do pedido pelo fim da culpabilização das mulheres pelo estupro, abarcando a luta pelo fim da violência doméstica, física, simbólica e sexual, além de exigirem o fim do machismo e a igualdade de gênero.

Corrupção¹⁷, o Ocupa-Acampa Sampa¹⁸, a Marcha da Maconha¹⁹, todos mobilizados e divulgados através das redes sociais, especialmente o Twitter e o Facebook.

Em 2013, os protestos que ganharam maior visibilidade foram aqueles realizados no mês de junho, na cidade de São Paulo, motivados pelo aumento da tarifa do transporte público coletivo, e logo espalharam-se pelo Brasil incluindo uma série de outras reivindicações e tomando proporções como não se via desde as manifestações pelo *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello, em 1992, e o movimento Diretas Já, em 1984 (FERNANDES e ROSENO, 2013; GOHN, 2014).

Pesquisa realizada pelo IBOPE Inteligência a pedido da rede Globo durante as manifestações do dia 20 junho de 2013, identificou que a maioria dos manifestantes não se sentia representada por partidos (89%) ou políticos brasileiros (83%); entre os entrevistados, 96% alegaram não ser filiados a nenhum partido político e 86% não eram filiados a nenhum sindicato, entidade de classe ou entidade estudantil; 46% participavam pela primeira vez de um protesto (vale mencionar que tratava-se do quinto grande ato); 63% eram jovens até 29 anos.

Desde 2003 ocorriam manifestações motivadas pelos reajustes de tarifa no transporte coletivo, mas sem o caráter de unidade e a repercussão que ganharia em 2013. Naquele ano, a cidade de Salvador (BA) foi palco de atos que se estenderam por todo o mês de agosto, episódio que ficou conhecido como A Revolta do Buzu. Estas mobilizações, contudo, não produziram nenhum resultado objetivo em relação às pautas dos manifestantes.

No ano seguinte, estudantes da cidade de Florianópolis (SC) realizaram em junho a Revolta da Catraca, com a ocupação de terminais e o bloqueio de duas pontes que ligam a porção insular à continental da cidade. O resultado foi a revogação do aumento da tarifa, ação que serviu de base para a fundação do MPL no ano seguinte, durante o Fórum Social Mundial em 2005. Na cidade de São Paulo, os atos de protesto

¹⁷ Movimento que convocou protestos em 25 cidades de 18 estados brasileiros. Milhares de pessoas tomaram as ruas nos meses de setembro e outubro de 2011, em manifestação contra a corrupção e os constantes escândalos no cenário político nacional.

¹⁸ Movimento inspirado no *Occupy*, aqui em São Paulo teve início outubro de 2011, como um movimento autodenominado “plural e independente”, que propõe a democracia direta, participação política e a mudança completa do sistema político brasileiro.

¹⁹ Movimento iniciado em 2010 que defende a legalização da maconha e pauta uma nova política de drogas.

comandados pelo MPL aconteceram em 2006, 2010 e 2011 (Movimento Passe Livre – São Paulo, 2013).

A luta do MPL (2015), de acordo com o próprio movimento, é por mobilidade, mas sem restringir-se a ela: pauta o passe livre como instrumento de debate contra a atual concepção mercadológica que envolve o transporte público coletivo, defendendo-o como um direito, tendo em vista que é por meio do sistema de transporte que os indivíduos organizam a sua vida cotidiana, o ir e vir do trabalho, acessam os equipamentos e espaços do município, ou seja, amplia ou delimita o lugar do sujeito na cidade. Além disso, o MPL tem como objetivo somar a outros movimentos voltado a questionar a ordem capitalista vigente e fomentar o debate sobre a questão urbana.

Em junho de 2013, logo após a publicação do aumento da tarifa de transporte na cidade de São Paulo (que passou de R\$ 3,00 para R\$ 3,20), o MPL mobilizou uma sequência de atos, com o apoio de movimentos sociais, especialmente aqueles ligados ao movimento de moradia (como o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST), alguns sindicatos (como os Metroviários), e grupos partidários de esquerda (as juventudes do PSOL, do PSTU, do PCO e posteriormente – a partir da terceira manifestação – também do PT).

Figura 1. Viaduto do Chá, São Paulo.



Foto sem autoria identificada, disponível no portal:
www.ocafezinho.com/2013/06/14/sobre-as-manifestações-contra-o-aumento-das-pasagens/. Acesso realizado em: 20/07/2016

Um elemento significativo nestas manifestações foi a influência da grande imprensa durante toda a jornada e a mudança na abordagem das notícias conforme o crescimento dos atos e os indícios de abuso no uso da forma policial. A tabela a seguir descreve este movimento:

Tabela 1. Descritivo da cobertura dos atos no dia seguinte às manifestações						
Ato	Data da Manifestação	Data da Publicação	Jornais	Reportagem	Principais Pontos	Número de Participantes
1º Grande Ato	06/06/2013	07/06/2013	Folha de São Paulo (Cotidiano)	Protesto contra aumento de ônibus tem confronto e vandalismo em SP	Depredações e confronto.	PM - 2 mil; MPL - 6 mil.
			O Estado de São Paulo (Metrópole)	Protesto contra aumento de ônibus fecha Paulista e leva caos ao centro	Confronto, congestionamento e posição das autoridades.	PM - 500; GCM - 1 mil; MPL - 5 mil.
2º Grande Ato	07/06/2013	08/06/2013	Folha de São Paulo (Cotidiano)	Novo ato contra a tarifa faz até colégio fechar mais cedo	Depredações ("vandalismo"), congestionamento, insegurança para os cidadãos.	PM - 5 mil.
			O Estado de São Paulo (Metrópole)	No 2º dia de confronto e destruição, protesto fecha Marginal do Pinheiros	Depredações, confronto, congestionamento.	Não mencionado.
3º Grande Ato	11/06/2013	12/06/2013	Folha de São Paulo (Cotidiano)	Protesto mais violento contra tarifa tem confrontos em série e vandalismo em SP	Depredações, confronto, violência dos manifestantes.	PM - 5 mil; GCM - 2,5 mil
			O Estado de São Paulo (Metrópole)	Confronto e destruição de ônibus e bancos marcam maior protesto contra tarifa	Depredação, violência, vandalismo, instrumentalização dos partidos políticos e entidades tradicionais do movimento social.	PM - 10 a 12 mil; GCM - 2,5 mil.
4º Grande Ato	13/06/2013	14/06/2013	Folha de São Paulo (Cotidiano)	Bombas e balas de borracha deixam centro em pânico	Pânico, confronto, ação violenta da polícia, vandalismo, depredações, agressão da polícia contra sete repórteres da Folha. A Folha usou cinco páginas do caderno Cotidiano para retratar as manifestações.	PM - 5 mil; MPL - 20 mil.

			O Estado de São Paulo (Metrópole)	Paulistano fica refém de bombas e tiros de borracha em novo confronto	Confronto, polarização violenta, violência policial, insegurança.	Estadão - 10 mil.
5° Grande Ato	17/06/2013	18/06/2013	Folha de São Paulo (Cotidiano)	Ao menos 65 mil protestam nas ruas de São Paulo	Pesquisa Datafolha aponta perfil dos manifestantes. Caráter apartidário dos manifestantes é ressaltado, assim como o pacifismo e a adesão das pessoas por onde a caminhada passava. A cobertura passa a ser nacionalizada. A Folha dedicou 10 páginas do caderno Cotidiano para a cobertura das manifestações.	Datafolha - 65 mil (215 mil no país).
			O Estado de São Paulo (Metrópole)	No 5° e maior protesto, SP não tem presos e feridos	Caráter nacional da manifestação, bem como as pautas difusas, são salientados e o caráter pacífico dos manifestantes. Apartidarismo dos manifestantes e a insatisfação com a presença de militantes de partidos e movimentos sociais tradicionais também foram ressaltadas.	PM - 50 mil.
6° Grande Ato	18/06/2013	19/06/2013	Folha de São Paulo (Cotidiano)	Ato tem violência, saque e depredação; PM demora a agir	Diferenciação entre a maioria pacífica dos manifestantes e criminalização de setores mais radicalizados. Manifestação inicia pacífica e a omissão da polícia facilitou depredações e ações violentas, estas isoladas.	Datafolha - 50 mil.

			O Estado de São Paulo (Metrópole)	Grupo tenta invadir prefeitura; lojas são saqueadas	Diferenciação entre os manifestantes: isolamento daqueles que promoveram saques no centro dos que protestaram na Paulista. Confusão, violência e descontrole de um lado; resistência e pacifismo do outro.	PM - 20 mil.
19/06/2013 - anúncio da revogação do reajuste da tarifa no transporte coletivo de São Paulo						
7º Grande Ato	20/06/2013	21/06/2013	Folha de São Paulo (Cotidiano)	Hostilizados, petistas abandonam ato pós-redução de tarifa e SP	Hostilização aos partidos políticos e militantes de movimentos organizados é ressaltada. Partidos estariam tentando instrumentalizar os atos. Pautas difusas são reforçadas.	Datafolha - 110 mil.
			O Estado de São Paulo (Metrópole)	Tensão marca 7ª manifestação em SP	Ressalta o caráter pacífico da manifestação. Atribui uma confusão isolada a um pequeno grupo de petistas. As pautas difusas e a crítica dos manifestantes a presença de militantes partidários também foi indicada.	PM - 100 mil.

Fonte: O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo – 7 a 21 de junho de 2013

Quando ocorridas as primeiras manifestações, a tentativa dos dois principais jornais paulistas seguiu no sentido de desmoralizar a ação dos manifestantes através da ênfase do que denominavam “atos de vandalismo”, bem como “o terror e o caos” por eles causados na cidade. Já após o terceiro grande ato, esses mesmos jornais indicavam que as autoridades seriam mais duras contra práticas de vandalismo. Os editoriais destes mesmo jornais, conforme identificado por Judensnaider et al. (2013), apelaram por um maior rigor policial, enaltecendo o endurecimento anunciado pelo poder público, além de tratar os manifestantes de forma depreciativa, deslegitimando suas reivindicações.

Não por acaso o quarto grande ato contra o aumento da tarifa teve como saldo 130 manifestantes detidos e 105 feridos; um jornalista perdeu a visão do olho esquerdo

após ser atingido por uma bala de borracha (O Estado de São Paulo, 14/06/13). As notícias de uma forte e desnecessária repressão policial rapidamente se espalharam por diferentes meios de comunicação, que denunciavam a arbitrariedade da polícia não só contra manifestantes e jornalistas, mas também contra pessoas que passavam pela região.

Relatos de violência se disseminaram rapidamente por toda a manhã nas redes sociais e, pela primeira vez, também na grande imprensa. Depois de terem participado ativamente da campanha por mais rigor na repressão aos manifestantes, os grandes veículos de comunicação são agora levados a reportar a escalada da violência policial da qual os protestos foram alvo. (JUDENSNAIDER et al., 2013, p. 104).

A imprensa passou a apoiar os atos, construindo uma classificação nada objetiva para distinguir manifestantes entre pacíficos e vândalos, assim como também assumiu claramente a condição de agente de construção dos eventos e passou a ser parte das manifestações através da composição de um bloco formado por fotógrafos, repórteres e jornalistas – já que muitos destes também foram presos e vítimas da violência policial (GOHN, 2014). A patologização não é mais do movimento, mas de alguns manifestantes que a imprensa considera como vândalos e que seriam, portanto, merecedores da violência policial e a repressão.

Judensnaider et al (2013) e Gohn (2014) apontam como hipótese que a repercussão da abusiva repressão policial resultou na ampliação da dimensão dos protestos. Pesquisa realizada pelo Datafolha no dia 12 de junho de 2013 (JUDENSNAIDER et al, 2013) revelou que 55% dos paulistanos eram favoráveis aos protestos, 67% consideravam o reajuste da tarifa elevado e 40% já condenavam o comportamento violento da polícia; uma enquete realizada no dia 13 de junho pelo apresentador José Luiz Datena, durante seu programa televisivo Brasil Urgente (Rede Bandeirantes), revelou que quase 1700 expectadores eram favoráveis aos protestos contra 1233 que se declararam contra. Mesmo quando o apresentador modificou a pergunta da enquete enfatizando o que ele considerava como caráter “baderneiro” da manifestação, novamente o resultado apontou que 2321 telespectadores eram favoráveis e apenas 986 eram contra as manifestações.

Outros fatores surgiram como resultado da análise desse fenômeno e a própria Gohn não coloca a denúncia sobre a violência policial como central, esta vem acompanhada pela identificação com a pauta: “Quando o povo viu na TV e jornais jovens sendo espancados por lutarem por bandeiras que eram também suas, a

mobilidade urbana, ele saiu às ruas” (GOHN, 2014, p. 21). Por outro lado, Secco (2013), faz um recorte classista em sua análise, apontando a agressão a jornalistas e a um grupo aparentemente da classe média como uma possível causa para a forte adesão ao movimento, como uma forma de solidarização.

Consequentemente, Secco (2013) identifica o movimento da mídia em apoiar os protestos como uma forma de acompanhar o mercado, pois foi forçada a mudar sua narrativa diante da enorme adesão que os atos passaram a ter em todo o país e aproveitou para inserir uma segunda pauta para controlar a multidão e se apropriar dela. Contudo, o autor salienta que se tratou de uma agenda verticalizada e reducionista, ratificada por setores radicalizados que passaram a expulsar manifestantes com bandeiras partidárias dos atos ou aplaudiam ao presenciarem tal comportamento.

A pauta massificada nasce de baixo apenas aparentemente. Num universo de simulacros desprendidos de suas bases, em que os indivíduos relacionam-se diretamente sem mediações visíveis, os manifestantes virtuais não canalizam seu descontentamento pela representação política. Assim, ela se reduz a uma crítica generalizada dos próprios políticos profissionais, *mas não do modo de produção da política*, enredando-se num emaranhado abstrato. A totalização de suas demandas teria e ser mais do que a simples soma das partes que se despem de modo fragmentado nas ruas. O protesto sustentado pelo capital monopolista, invertido nos meios de comunicação de massa, se torna uma *flash mob*. (SECCO, 2013, p. 72, grifos no original)

Além da mudança de postura da imprensa, celebridades e figuras públicas passaram a expressar apoio às manifestações, fazendo o movimento crescer e reunir cem mil pessoas em seu quinto grande ato em São Paulo (JUDENSNAIDER et al., 2013) e duzentos e trinta mil espalhadas em 12 capitais brasileiras (O Estado de São Paulo, 18/06/13).

O movimento que começou com o slogan “não são só vinte centavos” assumiu o lema de que “o gigante acordou” e, a partir de então, uma onda de protestos se espalhou pelo Brasil. As ruas foram tomadas por grupos com diferentes ideologias partidárias, não ligadas a partidos políticos e antipartidárias, e as reivindicações deixaram de ter como pauta apenas o transporte público, surgindo protestos contra a corrupção, os gastos com a Copa do Mundo FIFA, reivindicações pela melhoria dos serviços públicos de educação, saúde e segurança, dentre outras demandas tanto múltiplas quanto dispersas.

Um exemplo nítido dessa ausência de organicidade nas pautas das manifestações a partir de então foi a recusa em relação à PEC 37 (Proposta de Emenda

Constitucional 37/2011), que na verdade propunha incluir um novo parágrafo ao Artigo 144 da Constituição Federal com a seguinte redação: “A apuração das infrações penais de que tratam os §§ 1º e 4º deste artigo, incumbem privativamente às polícias federal e civis dos Estados e do Distrito Federal, respectivamente”. Sendo assim, ficaria explícito na Carta Magna algo que de alguma forma é alvo de debates no sistema jurídico nacional: a exclusão definitiva da investigação de crimes no rol das competências legais do Ministério Público. Contudo, muitos manifestantes que empunharam cartazes dizendo “Não à PEC 37” relacionavam seu conteúdo à corrupção e impunidade – ou sequer conseguiam explica-la.

Figura 2. Avenida Paulista, São Paulo



Foto de Caio Kenji, disponível no portal <g1.globo.com/brasil/cartazes_das_manifestações/platb> Acesso realizado em: 20/07/2016

Não é possível deixar de mencionar a atuação dos chamados *Black Blocs*, tática de guerrilha urbana que ganhou visibilidade durante as Jornadas de Junho, formado por jovens encapuzados, anarquistas, autonomistas, anticapitalistas, entusiastas de ações de desobediência civil, comumente retratados como uma minoria baderneira em protestos de origem pacífica. Ortellado (2014) explica que os primeiros *Black Blocs* surgiram na Alemanha Ocidental como grupos de autodefesa dos movimentos autônomos, utilizando táticas de enfrentamento à repressão policial.

O Black Bloc ganhou seu contorno atual durante os protestos contra a Organização Mundial do Comércio, em Seattle, em 1999, quando um grupo optou por romper com a tática de bloquear ruas e praticar resistência passiva, na tradição da desobediência civil não violenta de Gandhi e Martin Luther King Jr. O motivo, como lembra um dos participantes da discussão, o

professor de Antropologia da London School of Economics David Graeber, é que os ativistas que compuseram o Black Bloc acreditavam que a desobediência civil não tinha como funcionar sem a cobertura da violência policial pela imprensa (...). (ORTELLADO, 2014)

Foi a partir deste ato que o anarquismo preponderou e os *Black Blocs* assumiram o uso da violência como ação direta. No Brasil, a estratégia cumpriu as duas tarefas: num primeiro momento, protegeram os manifestantes da repressão policial, como na tradição alemã, e a medida que o movimento foi ganhando corpo o modelo americano prevaleceu, com depredações e ataques simbólicos a prédios que simbolizavam os adversários dos manifestantes: sede de Prefeitura, bancos e grandes empresas. Se antes eles tomavam carona nos protestos organizados por entidades com pautas nítidas, aos poucos passaram a agir sozinhos.

O Brasil presenciou a revogação da tarifa de ônibus em diversas cidades, inclusive na cidade de São Paulo, oficialmente anunciada pelo prefeito Fernando Haddad e o governador Geraldo Alckmin em 19/06/2013. Houve ainda a apresentação de um pacto que continha um conjunto de ações governamentais anunciadas pela presidenta Dilma Rousseff em reunião conjunta com os 27 governadores e os 26 prefeitos de capitais, no dia 24/06/2013, com cinco áreas (FOLHA DE SÃO PAULO, 25/06/2013, A2; O ESTADO DE SÃO PAULO, 25/06/2013, p. 4):

1. Responsabilidade fiscal e estabilidade econômica: unir forças para conter a inflação e manter os gastos públicos sob controle, com o empenho de todos os entes da federação;
2. Reforma política: consultar a população através de um plebiscito sobre a realização de uma Constituinte exclusiva, além de classificar a corrupção como crime hediondo;
3. Saúde: acelerar a utilização dos recursos vinculados em investimentos na área, ajudar hospitais e contratar médicos estrangeiros;
4. Transportes: ampliar a desoneração do PIS/Cofins sobre o óleo diesel, liberar R\$ 50 bi para investimentos em mobilidade e criar o conselho nacional de transporte público;
5. Educação: votação em regime de urgência constitucional da proposta que destinaria 100% dos *royalties* do petróleo e 50% dos *royalties* do pré-sal para investimentos em educação pública.

Gohn (2014, p. 88) destaca as conquistas dos protestos que influenciam a cultura política dos brasileiros: “Entre os saldos destacam-se a consciência do direito à manifestação e a visibilidade das desigualdades sociais e má performance das políticas públicas nas áreas da mobilidade urbana, educação e saúde”.

Após a redução da tarifa, o MPL e os grupos partidários de esquerda que iniciaram o movimento, entendendo que a pauta mobilizadora havia sido atendida, encerrariam sua intervenção pública em um ato que já estava convocado. Entretanto, esta foi a manifestação que marcou a perda da centralidade de condução política dos atos pelo MPL e a pauta difusa não apenas permaneceu como incorporou valores mais conservadores em relação à participação dos partidos políticos e das organizações tradicionais (como os sindicatos e outros movimentos cuja estrutura de organização é verticalizada), especialmente aqueles mais identificados com ideologias de Esquerda. Foi nesta conjuntura que os *Black Blocs* assumiram maior protagonismo.

Contudo, o movimento foi perdendo força e o povo foi deixando as ruas e algumas reflexões ajudam a compreender esse contexto. A crise de representatividade é apontada por diversos autores como um elemento para compreender este contexto (GOHN, 2014; LIMA, 2013; SAKAMOTO, 2013; VAINER, 2013). A omissão do poder público frente a uma multiplicidade de reivindicações microlocalizadas em diferentes enfoques e bases sociais vinham surgindo há muito tempo, ou seja, a configuração da relação entre Estado, capital e sociedade colocada pela adoção de diretrizes e concepções neoliberais (VAINER, 2013).

Lima (2013) descreve como a mídia tem um papel fundamental nessa crise de representação e denuncia que a televisão, desde que assumiu a condição de veículo de massa hegemônico, criou uma cultura de permanente desqualificação da política e dos atores políticos. É importante frisar que a questão observada neste contexto é o da televisão como negócio, que representa os interesses econômicos e sociais de uma determinada classe e que predominou como instrumento eficaz de mobilização e formação de opinião na sociedade. Assim, o autor identifica que a crise de representatividade não está restrita aos partidos políticos, mas abrange as instituições tradicionais das democracias representativas, fazendo com que os manifestantes se utilizem das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como alternativa para mobilização, informação e produção de opinião. Atores até então passivos na

sociedade que antes não possuíam “voz pública” assumem um protagonismo ativista na produção de conteúdo através destas ferramentas.

Assim, todos esses movimentos de indignados descritos acima, têm como características comum o uso das TICs como instrumento de mobilização e de luta, utilizam um modelo de auto-organização com uma estrutura hierárquica horizontal e apresentam uma diversidade de demandas particulares sustentadas por um sentimento generalizado de descontentamento, ou seja, não existe um objetivo único, concreto, capaz de reduzir a sensação de mal-estar ao ser alcançado (ZIZEK, 2013). Esse sentimento generalizado de descontentamento vem sendo interpretado por diversos analistas como reações contra as diversas facetas da globalização, que afeta cada país de maneira singular (GOHN, 2014; ZIZEK, 2013).

Diversos autores (MARICATO, et al, 2013) apontam a crise urbana como um outro disparador da indignação dos brasileiros, tendo em vista que a cidade não é apenas um espaço físico geográfico que serve apenas de pano de fundo para os acontecimentos da vida. Ao contrário, é na cidade que a vida acontece, onde se dão os encontros, a produção e a reprodução das forças de trabalho. Para Maricato (2013, p. 20) trata-se do resultado da ação histórica do ser humano: “a cidade constitui um grande patrimônio construído histórica e socialmente, mas sua apropriação é desigual”. As relações entre as pessoas e a cidade foram se tornando cada vez mais reféns dos interesses do capital, à medida em que essas foram se globalizando. Diante desse fenômeno, existe uma parcela significativa da população que vem reivindicando o direito à cidade.

A tendência estrutural do Capitalismo nos dias atuais em promover a expansão do setor de serviços nas metrópoles brasileiras, como acontece em todo o mundo, acarreta maior vivência no espaço urbano, já que sua dinâmica se estabelece por vetorizar as características privatizantes e individualizantes na construção da subjetividade dos trabalhadores (por exemplo, com o estabelecimento de metas e o estímulo à concorrência). Sendo assim, uma diferença fundamental deste novo perfil das relações de classe está no fato de que a solidariedade não se dá no ambiente de trabalho: o espaço de interação é, portanto, a própria cidade.

Se o século XX marcou importantes momentos de conquistas para a classe trabalhadora, com direitos trabalhistas e direitos sociais, agora a demanda popular é pelo avanço do que se configura como direitos urbanos. Sobre este aspecto é possível

identificar um avanço na agenda relacionada ao direito à cidade, tomando conta de grandes mobilizações sociais com reivindicações por tarifa zero e mobilidade urbana, por exemplo – como aconteceu durante as Manifestações de Junho de 2013.

Esta nova configuração de classes é marcada pela recomposição da classe trabalhadora, que impactada pelo neoliberalismo na década de 90, volta ao mercado de trabalho em um momento diferente do país. Não se trata, portanto, de uma recomposição da classe média, já que esta, em sua definição clássica, está situada entre as tensões das classes subalternas – para onde não quer voltar – e a inspiração nas elites – para onde quer chegar –, tornando-se espaço mais conservador, com a produção e reprodução de discursos liberalizantes e individualizantes, tendo na meritocracia o referencial de ascensão social. Tais mudanças na configuração de classes no Brasil indicam nova uma nova experiência para a interação das camadas populares e apontam desafios na identificação da forma como os atores sociais apresentam suas demandas.

Nesta perspectiva é importante mencionar o movimento Não Vai Ter Copa, que, de acordo com o Comitê Popular da Copa SP (2015), entre 2011 e 2014 trabalhou o impacto social dos megaeventos na cidade de São Paulo. O movimento surgiu em 2011 durante a 3ª Jornada de Moradia Digna em São Paulo, evento promovido pela Defensoria Pública Estadual e grupos ligados aos movimentos de moradia, cujo tema foi “o impacto dos megaprojetos e as violações do direito à cidade”. Da articulação de grupos político-culturais diversos, surgiu o fórum permanente de monitoramento e resistência aos megaprojetos, com a finalidade de pensar estratégias para a Copa FIFA 2014 em São Paulo, dando origem ao movimento Não Vai Ter Copa.

A partir da compreensão da mobilidade como fundamental ao direito à cidade, o Não Vai Ter Copa participou das Manifestações de Junho de 2013. O Movimento superou o período e realizou manifestações durante a Copa das Confederações da FIFA e organizou atividades de caráter opositor com a agenda dos megaeventos, como as quatro edições da Copa Rebelde dos Movimentos Sociais²⁰, o Encontro Nacional de Atingidos por Megaeventos²¹ (realizado em Belo Horizonte, no mês de Abril de 2014) e

²⁰ Um ato político com torneio de futebol e atividades culturais, com organização horizontal e autogestionada, que teve como objetivo reafirmar a paixão do brasileiro pelo futebol, mas sem as autoridades, empresários e contradições presentes na Copa do Mundo FIFA.

²¹ O Encontro contou com a presença de cerca de 600 atingidos (moradores das comunidades ameaçadas de remoção) das 12 cidades sede da Copa do Mundo Fifa, Olimpíadas do Rio e Megaempreendimentos de todas as regiões do país, como objetivo de trocar experiências, traçar

uma série de debates em ocupações do movimento de moradia e praças da cidade, além de produzir uma documentação do que classificou como “abusos” ocorridos nas *Fan-Fest*²² no Vale do Anhangabaú.

Secco (2013), por sua vez, atribui o arrefecimento do movimento à ausência de uma direção política e crítica de maneira contundente as organizações horizontais e autonomistas, já que esses pretensos novos modelos de organização, ao não apresentarem uma direção e atribuir a responsabilidade à coletividade ou representações difusas, leva a desdobramentos incertos. Ele ressalva, contudo, o caráter dirigente do MPL na primeira fase dos protestos.

Zizek chama a atenção para uma questão fundamental na análise desse fenômeno em sua totalidade, a dialética: “Há uma batalha acontecendo dentro dos protestos sobre o que eles próprios representam” (ZIZEK, 2013, p. 103). Ou seja, existe uma disputa de interesses entre os próprios atores que compõem cada movimento.

A eleição de 2014, em especial na campanha para o segundo turno, foi marcada por uma onda de ódio contra os eleitores e militantes do Partido dos Trabalhadores. Expressões de xenofobia foram despejadas nas redes sociais contra o povo nordestino, região em que se concentra o maior número de eleitores petistas; um militante foi assassinado a facadas em Curitiba, enquanto fazia campanha para as candidatas petistas ao governo do Estado e à presidência da República; e uma bomba foi jogada no Diretório Zonal do PT no Centro, localizado na Bela Vista, em São Paulo.

Passado o segundo turno eleitoral, com a reeleição da presidenta Dilma Rousseff (PT), uma série de boatos começaram a circular pelas redes sociais, como por exemplo, de que as urnas haviam sido fraudadas. Teve início, então, a polarização que marcou o Brasil nos anos seguintes: de um lado, os insatisfeitos com o resultado eleitoral; do outro, os defensores do resultado das urnas.

Imediatamente uma mobilização a favor do *impeachment* foi articulada, agendando uma manifestação nacional para o dia 15 de março de 2015, que ficou internacionalmente conhecida como sendo um protesto de brancos e ricos, o que foi confirmado por uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo (FPA, 2015): 65% eram

estratégias de luta em comum e elaborar documentos de denúncia, assim como um plano de reparações que deve ser entregue aos governos, justiça e Legislativo.

²² Ponto de comemoração oficial da Fifa com festa, shows e telão para transmitir as competições em dias de jogos do Mundial.

brancos, 22% ganhavam de 5 a 10 salários mínimos e 35% ganhavam acima de 10 salários mínimos.

Figura 3. Avenida Paulista, São Paulo. Manifestação a favor do *impeachment*



Foto disponível no portal <fundamentado.com.br/as_manifestações_e_celebridade_do_impeachment>. Acessado em: 20/07/1016

Estas manifestações foram convocadas por movimentos ligados à nova direita, entre eles o Vem Pra Rua, que surgiu durante as Manifestações de Junho de 2013²³, com o intuito de reunir em um único site os diversos atos que ocorreram no país durante aquele período, para instigar o povo brasileiro a ir às ruas protestar contra o governo, especialmente a corrupção. O Vem Pra Rua defende uma economia liberal e na política o mote é o combate à corrupção, a insatisfação em relação ao governo federal e a defesa do *impeachment* da presidenta, incluindo pautas conservadoras como a intervenção militar no governo brasileiro.

O contraponto a esse movimento também teve origem em outubro de 2014, logo após o resultado do primeiro turno das eleições presidenciais, foram realizados

²³ Essas informações foram retiradas do Manifesto do Movimento, disponível no portal <vempraru.org> (acesso realizado em 20/05/2015). Contudo, em entrevista realizada com Priscila, integrante do movimento e sujeito dessa pesquisa, percebi que origem do movimento relatada por ela era divergente. No intuito de confirmar a informação tentei realizar outro acesso ao referido portal no dia 18/06/2016 e verifiquei que ele foi retirado no ar. Na mesma data realizei uma busca na internet para obter novas informações sobre o movimento e encontrei a página <<http://www.vempraru.net/manifesto>>, mas nessa não consta informação de sua origem e o título do manifesto que era “Não São Só 20 Centavos” foi alterado. Além disso, encontrei uma matéria que retrata essa alteração nas direções do movimento, evidenciando o seu surgimento em junho de 2013 (PINHABEL, 2015).

diversos protestos que se utilizaram do humor e da ironia, contra as manifestações de ódio e preconceito despejadas sobre o povo nordestino e os eleitores da candidata à reeleição, dentre eles o Levante das Cores²⁴, Menos Ódio Mais Nordeste²⁵, Churrascão da Gente Desinformada²⁶, 13 Tons de Vermelho²⁷ e Festival das Liberdades: menos ódio mais direitos²⁸.

Além disso, diante da mobilização da manifestação a favor do *impeachment* anteriormente mencionado, foi realizado o Dia Nacional de Luta, no dia 13 de março, em defesa da Petrobrás, dos direitos da classe trabalhadora, da Reforma Política. Tratou-se de um ato pró-democracia, com o objetivo de deixar claro que o projeto político a ser implementado deveria ser aquele que ganhou as eleições. É importante ressaltar a pauta dessas manifestações, tendo em vista que reunia não apenas os setores governistas, mas também partidos e movimentos sociais que, apesar de críticos ao governo, entendiam que as bandeiras empunhadas pelo outro campo exigiam uma resposta política com unidade nos movimentos sociais. Esta construção deu origem em 13/05/2015 à Frente Brasil Popular²⁹.

²⁴ Realizado em 11/10/2014, no Largo do Arouche, foi motivado pela ampliação da representação do setor conservador (ruralistas, empresários, evangélicos e a chamada “bancada da bala”, por exemplo) na Câmara dos Deputados. O evento foi organizado por movimentos sociais e sindicatos que se organizaram para resistir às pautas conservadoras destes segmentos, especialmente aquelas relacionadas aos direitos LGBTs e das mulheres.

²⁵ Realizado em 11/10/2014, na Praça Roosevelt, o ato foi uma resposta de eleitores da então candidata à reeleição, Dilma Rousseff, ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso que afirmou, em entrevista concedida aos blogueiros Josias de Souza e Mário Magalhães, do portal UOL, que “O voto do PT está fincado nos menos informados, não é porque são pobres, é porque são menos informados”. Disponível em: <<http://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/10/06/fhc-pt-cresceu-nos-grotoes-porque-tem-voto-dos-pobres-menos-informados.htm>> Acesso em 23/07/2016.

²⁶ Realizado em 14/10/2014, no mesmo local e pelas mesmas motivações do evento do dia 11.

²⁷ Realizado em 12/10/2014, no Largo da Batata, tratou-se de um movimento independente de artistas, produtores culturais e comunicadores, em torno de pautas como criminalização da homofobia, desmilitarização da polícia e democratização dos meios de comunicação. Apesar de tratar-se de um evento ser um apoio à Dilma, os envolvidos também estendem o convite àqueles que são críticos ao atual governo, mas que mesmo assim “sabem que não podemos regredir”. Entre os participantes estiveram os artistas Otto, Fábio Trummer, Tutu Moraes, Felipe Cordeiro, Karina Buhr, Junio Barreto, Catarina Dee Jah, Felipe S., Suite, Lirinha, Bárbara Eugenia, Jonnata Doll, China e Lucas Santana.

²⁸ Realizado em 15/11/2014, no Largo São Francisco, com shows, intervenções e debates, o mote foi “menos ódio e mais direitos”.

²⁹ Instalada oficialmente no dia 13/05/2015, foi criada em resposta à ofensiva dos setores conservadores para para unificar a luta dos movimentos populares. Participam da Frente mais de 65 organizações dos movimentos sindical, popular e social, que representam diferentes segmentos, como das mulheres, negras e negros, juventudes, LGBTs e da moradia. Manifesto disponível em <<http://frentebrasilpopular.com.br/conteudo/manifesto-ao-povo-brasileiro/>> Acesso em: 25/07/2016.

Figura 4. Avenida Paulista, São Paulo. Manifestação em Defesa dos Direitos



Foto disponível no portal <www.pragmatismopolitico.com.br/2015/12/manifestações_de_ontem_demonstram_que_brasil_é_mais_complexo_do_que_parece.html>. Acessado em: 20/07/2016

Foram dois atos realizados pelos setores contrários às pautas classificadas como “conservadoras”, que foram às ruas apresentando a demanda por mais direitos (13/3 e 20/8).

A tensão entre os dois blocos ideológicos gerou uma série de estigmas: de um lado os manifestantes pró-*impeachment* usavam alcunhas como *petralhas*³⁰ e acusavam os manifestantes pró-governo de serem remunerados ou receberem lanches de pão com mortadela para irem às ruas; do outro lado, os epítetos *reaças*³¹ e *coxinhas*³² passaram a

³⁰ Termo pejorativo criado pelo colunista da Revista Veja, Reinaldo Azevedo, a partir das palavras *petista* (que designa os filiados e simpatizantes do Partido dos Trabalhadores) e *metralha* (em referência aos Irmãos Metralha, personagens das histórias em quadrinho da *The Walt Disney Company*, cujo único objetivo era assaltar o cofre do milionário Tio Patinhas).

³¹ Ou reacionários, que se opõem à democracia ou mudanças sociais e políticas.

³² Termo pejorativo para descrever pessoas consideradas excessivamente zelosas com a imagem, que adotam hábitos burgueses, ostentam padrão de vida de custo elevado e possuem posturas políticas conservadoras.

ser utilizados para identificar os manifestantes contrários ao governo, que foram estigmatizados como *elite branca*³³ pelos adversários.

Essa efervescência política se mantém em evidência no Brasil. As ocupações das escolas públicas no final do ano de 2015, motivadas pelo anúncio do fechamento de 94 escolas estaduais pelo governador de São Paulo Geraldo Alckmin (PSDB), evidenciam esta observação. Esse levante dos estudantes secundaristas paulistas, que ocupou mais de 200 escolas, foi inspirado na luta dos secundaristas chilenos, conforme observado no documentário *Acabou a Paz – Isto aqui vai virar o Chile*³⁴, do cineasta e escritor argentino radicado no Brasil Carlos Pronzato, do professor e videoativista Lucas Duarte e do videodocumentarista Caio Finato, lançado em 14/02/2016.

Também é possível identificar nas manifestações públicas pró e contrárias ao afastamento da presidenta Dilma Rousseff, em 2016³⁵, indícios desse desejo de mobilização. Os chamados *panelaços* foram a mais recente representação da irreverência e criatividade dos manifestantes e tornaram-se recorrentes como forma de protesto. Desde o pronunciamento da presidenta em cadeia nacional de televisão no 8/8/2015, em referência ao dia internacional da mulher, uma série de *panelaços* que ocorreram no país, inicialmente durante as intervenções da presidenta Dilma Rousseff e do PT na televisão, posteriormente contra o interino Michel Temer, na mesma situação.

A origem deste tipo de manifestação está identificada nos *cacerolazos* do Chile, realizados em 1973 contra o presidente socialista Salvador Allende, e em 1986 e 1989, direcionados contra o ditador Augusto Pinochet. Mais à frente, em 1996, a Argentina usou a mesma tática para protestar contra a política do presidente Carlos Menem; em 2001 e 2002 foi a vez de usar o método contra os presidentes Fernando De La Rúa, Adolfo Rodríguez Súa e Eduardo Duhalde, época em que os *panelaços*

³³ Em referência ao perfil socioeconômico identificado pelo Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Acesso à Informação (Gpopai) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP) em pesquisa realizada no dia 12/04/2015: 49,6% possuíam renda acima de R\$ 7.780,00 e 77,4% eram autodeclarados brancos. Pesquisa disponível em <<https://gpopai.usp.br/pesquisa/120415/>> Acesso em: 25/07/2016.

³⁴ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>> Acesso em: 12/07/2016.

³⁵ Em 12 de Maio de 2016 o Senado Federal aprovou a admissibilidade do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, que foi afastada do cargo pelo prazo de 180 dias, período em que um novo parecer será elaborado, debatido e votado. O vice-presidente Michel Temer responde interinamente pela presidência do país até o encerramento do processo. Este trabalho foi encerrado antes do encerramento do processo.

argentinos ganharam repercussão mundial³⁶. A forma de protestar não é novidade no Brasil: em 1984 houve *panelaço* em diversas cidades em defesa das eleições diretas no país.

Em meio a um período de efervescência política muito fértil, trata-se de um relato recente de um movimento ainda em curso e este trabalho não encerra os relatos e estudos sobre as Manifestações de Junho de 2013, tão pouco de seus desdobramentos e impactos sociais e políticos. Certamente outros pesquisadores e pesquisadoras trarão novos olhares sobre esta discussão e sua identificação como marco da História brasileira.

³⁶ Sobre estas manifestações ver artigo de Ariel Palácios (18/07/2013) no blog do jornal O Estado de São Paulo <<http://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel-palacios/frigideira-power-chilenos-criaram-modalidade-de-protesto-e-argentinos-a-tornaram-hit-parade-mundial/>> Acesso em: 25/07/2016.

4 APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS

A sequência de apresentação dos sujeitos foi estabelecida seguindo uma espécie de ordem cronológica, visando retratar a maneira e o momento que cada sujeito foi se inserindo nos movimentos analisados. Assim temos:

- Gustavo - um dos mobilizadores da luta pelo passe livre, inclusive em edições anteriores;
- Danilo - aderiu ao movimento logo nos primeiros atos, tornando-se também um mobilizador;
- Cristina - aderiu ao movimento no quinto grande ato (momento em que o movimento adquiriu a característica de abarcar pautas difusas), mas estava alinhada à pauta original dos protestos;
- Vicente - participou de um ato em 2013 após a inserção de pautas difusas e em 2015 da segunda manifestação a favor do *impeachment*;
- Diego - participou do sétimo ato em 2013, que marcou a retirada da pauta original das ruas e aderiu ao movimento a favor do *impeachment* já no início de 2016;
- Priscila - não aderiu ao movimento em 2013, mas foi uma das mobilizadoras das manifestações *pró-impeachment*.

4.1 Gustavo

Gustavo tem 27 anos, é branco, heterossexual, nasceu em São Paulo e reside em São Mateus, extremo leste da capital, e possui curso superior incompleto em dois cursos, Ciências Sociais e em Gestão de Políticas Públicas.

Nascido em família petista, começou a se interessar por política por volta dos 14 anos quando iniciou os estudos de alguns temas marxistas. A partir daí começou a participar do Movimento Estudantil, por meio de Grêmios Escolares e, conseqüentemente, passou a ter contato com a juventude partidária. Esse contato inicialmente foi com a União da Juventude Socialista (UJS), que é a juventude do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), mas afirma que ao estudar sobre a história e

constituição do PT, optou por militar nesse partido, chegando a ocupar espaço nas direções municipais e estaduais de juventude.

A partir de sua militância na Juventude do PT (JPT), Gustavo participou de todas as edições da luta pelo Passe Livre na cidade de São Paulo e desde 2011 passou a participar da organização e mobilização dos atos juntamente com o MPL e, conseqüentemente, nas Manifestações de Junho de 2013. Assim, aderir ao movimento em 2013 foi o resultado de uma participação política maior.

[...] a gente tem um histórico aí na luta contra o aumento da passagem e em defesa da tarifa zero. E, aliás, a gente costuma reivindicar esta bandeira como uma bandeira do PT, né, porque a primeira vez que surge essa ideia, né, que surge essa proposta no país, foi numa gestão petista né, na gestão da Erundina, de 89, em que ela coloca essa proposta, mas o debate da tarifa zero né. [sic]

Gustavo considera muito importante esse tipo de manifestação por ser um espaço de disputa política e de diálogo com a sociedade e avalia que as Jornadas de Junho tiveram dois grandes momentos: “Um primeiro momento [...], com um caráter de esquerda, é o que foi o começo das manifestações, que foi quando começou a se organizar na luta contra o aumento da passagem né”, (informação verbal) e um segundo momento “a direita viu que tinha espaço então começou a ocupar as ruas e, portanto, começou a dialogar com a sociedade ainda mais forte, além dos aparelhos de hegemonia que ele sempre tiveram, como a mídia, como o Judiciário e tal[...]”.

Gustavo espera que aconteçam mudanças estruturais no país, como as reformas agrária, tributária, política e da mídia, possibilitando, assim, um Parlamento mais representativo da sociedade. O jovem acredita que a única maneira de conseguir isso é por meio da mobilização e pressão social e que estamos em um momento propício para isso. Ele deseja contribuir para esse momento e se inspira na revolução socialista proposta por Gramsci³⁷.

Em 2015 Gustavo participou das manifestações em defesa da democracia (pró-governo) e apoiou a luta dos estudantes secundaristas.

4.2 Danilo

³⁷ Antonio Gramsci (1891 – 1937), filósofo, jornalista, crítico literário e político italiano.

Danilo tem 30 anos, é branco, heterossexual, nasceu em São Paulo, reside no extremo Sul da capital, atualmente cursa faculdade de Geografia e já atuou como educador social.

Política não era um tema presente nas conversas familiares, tão pouco uma preocupação nas suas relações cotidianas, mas em 2001, quando ainda estava no Ensino Médio, participou do Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre. Inicialmente a participação foi motivada pela possibilidade de fazer uma viagem com os amigos, mas chegando lá, ao participar das várias oficinas e atividades, ouvir o discurso de Luiz Inácio Lula da Silva e toda a possibilidade de transformação que o Fórum apontava, Danilo passou a problematizar a questão da desigualdade social, despertando seu interesse por política. Porém, isso não foi o suficiente para que Danilo se filiasse a um partido político ou movimento social.

Mas em 2013, a proximidade com militantes possibilitou a descoberta de uma forma de participação social na cidade, o uso do *spray* fez com que ele aderisse ao movimento.

2013 foi um ano que eu já estava próximo de pessoas que militavam frequentemente em movimentos, coletivos, e a gente dava volta de bicicleta com os amigos pela cidade. E aí a gente começava a ver várias frases, *pichos* na parede, contra o aumento. E aí a gente contribuiu com isso também, fez algumas mensagens. E assim também, então, foi uma forma de participar, chamando o povo pra rua, né, com algumas frases que a gente conseguia colocar pela cidade, escrever, passar a nossa mensagem, né, já que a gente não tem espaço, que a mídia é sempre grandes empresários, muito fechada, então é uma forma da gente ter voz na cidade. E aí, através do *spray* e da arte, a gente passava essas mensagens. E aí também participamos dos atos, junto com os amigos. E aí foi sendo uma forma da gente tá construindo a luta, né, contribuindo pra... não só pra luta contra o aumento, mas pra luta da classe trabalhadora, a luta do povo, a luta contra opressão, contra o capitalismo. Então, quando você vê um monte de gente ali na rua lutando pelo mesmo ideal, pelo mesmo objetivo, e você sente que você tá sendo importante ali, isso te motiva a conseguir estar presente nos atos, a sair mais cedo do trabalho [...]. [sic]

Após as Jornadas, Danilo passou a militar em um movimento chamado Extremo Sul, que atua principalmente nas regiões do Grajaú e Parelheiros³⁸, na luta por moradia e transporte de qualidade, e vê neste movimento uma maneira de fazer um trabalho de base para “quando tiver uma luta como 2013 de ascenso de massa, essa classe trabalhadora já tá pronta pra já conseguir chegar no momento revolucionário, né”. Danilo se declara adepto a uma ideologia de esquerda independente e autônoma e critica a militância partidária, chegando a desqualificá-la.

³⁸ Bairros periféricos situados no extremo sul da cidade de São Paulo.

Danilo decidiu não participar nem das manifestações pró-*impeachment* e nem das manifestações em defesa da democracia, pois acredita que tais movimentos não passam de uma disputa pelo poder. Ele avalia que de um lado estão os partidos e movimentos que ele classifica como direita, que vem ganhando força desde 2013, juntamente com a mídia e os grandes empresários que estão fazendo boa parte da população como massa de manobra. Por outro lado, sobre os defensores do PT e contra o *impeachment*, que classificam as manifestações contrárias ao governo como golpistas, não são passíveis de defesa, porque apesar das conquistas sociais consolidadas nos últimos anos, as gestões petistas erraram muito ao tentar fazer conciliação de classes. Além disso, ele considera que o PT traiu a classe trabalhadora quando escolheu não romper com a burguesia.

Em 2015 Danilo apoiou a luta dos estudantes secundaristas contra a reorganização escolar, que considera também ter sido fruto das Jornadas de Junho.

Danilo espera que aconteça uma mudança na sociedade que possibilite romper com a exploração do capital, construindo um sistema mais humano e mais social, além de uma democracia mais direta e mais participativa. Para isso ele se inspira em diversas revoluções que já aconteceram ao longo da história, como as revoluções Russa (1917), Cubana (1959) e a dos Cravos (Portugal, 1974), além das experiências de comunidades indígenas e africanas.

4.3 Cristina

Cristina tem 29 anos, é negra, heterossexual, paulista, moradora da periferia de São Paulo, e formada em Serviço Social, com pós-graduação e atualmente trabalha como educadora.

Desde sua adolescência participava de grupos de jovens ligados à Igreja Católica e por meio deles iniciou uma atuação social na luta por direitos. Afirma, contudo, que nesse período não compreendia a dimensão política dessa atuação e dos temas que tinha nas aulas de Sociologia e Filosofia durante o Ensino Médio. Somente no período de escolha do curso universitário que passou a compreender a dimensão política para além da partidária e começou a participar do Fórum Social de Cidade Ademar, região em que reside, e desde então vem tentando desconstruir o estigma que o termo política carrega, principalmente entre seus familiares e amigos próximos.

A jovem não tem envolvimento com política partidária, mas afirma que vem acompanhando as ações de um partido específico há algum tempo e é uma experiência que pretende ter futuramente. Ela se considera marxista e acredita na importância do trabalho que vem das bases.

Em 2013, Cristina concordava com a pauta contra o aumento da tarifa que vinha sendo reivindicada nas ruas, mas passou a frequentar os atos somente após acompanhar pela internet os excessos policiais ocorridos no 4º grande ato:

É, na verdade eu fui envolvida. Eu tinha a ideia sim de ir nas manifestações lá de Junho e é claro, né, com mil atribuições durante o dia e assalariada que sou, não tive condição por conta do horário de trabalho. Mas eu cheguei em casa e prontamente eu liguei o meu computador e falei “eu preciso saber o que tá acontecendo na rua, né”. E aí eu vi a barbárie e aquilo que moveu de um jeito que eu fiquei totalmente revoltada e falei “não, isso não pode acontecer” e tipo, monitorando a galera que tava na rua “onde você tá? Tá precisando de alguma coisa?”. Monitorando mesmo, tudo super à distância e pela internet. E o pessoal mandando informação: “olha prenderam a gente, deram carona mas a gente não sabe quem é”, “olha a placa do carro é essa” isso foi desesperador. Assim, falei “meu Deus, como é que isso tá acontecendo?”, daí eu prometi pra mim mesma que no dia seguinte eu ia tá lá também. Então, ao invés daquilo me paralisar, porque “olha o caos”, eu falei “não, a gente precisa tá junto”, e aí na verdade aquilo me impulsionou [...] Eu saí naquela manhã mais cedo – eu vivo atrasada – fiz uma puta organização, comprei o vinagre, comprei um monte de flanela. Eu falei “meu, eu não vou deixar machucar ninguém que tiver perto de mim”. Levei um monte de água, um monte de coisa, eu saí com uma mochila pesadíssima. E aí cheguei lá no Metrô E daí as meninas do trabalho... eu falei “gente, nós vamos né?” Eu já tinha mobilizado geral, e aí todo mundo “ah mas meu marido, mas o meu filho, mas a minha mãe, mas não sei o que...” Aí eu falei “ok, eu vou”, e aí eu fui sozinha. Daí chegando lá no Metrô, acho que era [estação] Faria Lima, as meninas me ligando desesperadas “Cristina, cuidado” e, assim, o pessoal também tava fazendo o exercício que eu fiz no dia anterior, tavam me monitorando, foi muito louco, cuidando né, “tá tudo bem? Você tá precisando de alguma coisa?” e aí elas falando “cuidado que estão revistando, se pegarem você com essas coisas, podem fazer alguma coisa, não sei o que...” E aí eu, enfim, super assustada com tudo, mas não deixei de ir não, não arreguei, e aí fui pra rua. Foi foda. [sic]

Após as Jornadas de Junho, Cristina intensificou a sua participação no Fórum Social de Cidade Ademar e foi eleita conselheira do Conselho Participativo da Subprefeitura da Cidade Ademar³⁹ durante a primeira gestão (2013/2015). Ela afirma que neste período os maiores desafios que encontrou foi deixar bem claro que não tinha envolvimento com nenhum partido político e também não teria nenhum ganho

³⁹ O Conselho Participativo Municipal foi criado pelo Decreto Municipal nº 56.208 de 30 de junho de 2015 e configura-se como um espaço consultivo de representação da sociedade civil no território de cada uma das 32 subprefeituras da cidade São Paulo. Os conselheiros e conselheiras são eleitos com o voto direito dos cidadãos e têm a função de atuar no controle social e planejamento e fiscalização das ações e gastos públicos, além de contribuir com a elaboração de políticas públicas nos territórios.

financeiro para exercer a função. Atualmente, concomitante ao trabalho no Fórum, luta pela implantação de uma Escola de Cidadania na região.

Cristina acredita que esse tipo de manifestação é importante por ser uma ferramenta de luta, por isso em 2015 a jovem participou novamente das manifestações contra o aumento da tarifa mobilizadas pelo MPL. Com relação às manifestações pró-*impeachment* considera que pertence a outra classe:

A galera não saiu dos extremos da cidade pra ir pra Paulista, né. Naquele domingo, naquele sábado, sei lá, foram as pessoas que moram ali nas proximidades. E a cor delas estava bem definida no meu ponto de vista também. A localização geográfica, de onde elas vêm, quais são os interesses que elas têm. Então eram brancos, eram profissionais liberais e é uma galera que mora no centro. Então a periferia eu acredito que não tem uma expressão grande. Ok, algumas pessoas participaram, mas não têm uma expressão grande nesse movimento. [sic]

Cristina espera que as pessoas sejam mais críticas e menos acomodadas, que se percebam como sujeitos políticos e passem a se ocupar também das coisas coletivas. Ela utiliza o próprio exemplo: sabe que sozinha ela não conseguirá efetivar nenhuma mudança, mas unindo-se a outros sujeitos isso será possível e acredita que a própria Escola de Cidadania que está ajudando a implantar é um espaço propício para isso.

4.4 Vicente

Vicente é negro, tem 34 anos, é heterossexual, possui ensino médio completo e trabalha como modelo. Nasceu em Camaçari (BA), veio para São Paulo há 11 anos em busca de mais oportunidades para sua carreira e reside na Bela Vista, região central da cidade.

Vicente afirma não se interessar por política porque o seu pai era militante, chegando, inclusive, a disputar uma eleição para vereador em sua cidade natal – o que ele considerava não ser por um projeto coletivo, visando ajudar a transformar o seu município, mas interesses próprios e mesquinhos, buscando enriquecer o máximo possível. Para ele, toda e qualquer relação ou ação política, mesmo que gere algum benefício para a população, tem um interesse individual por traz.

Apesar de não se interessar por política, Vicente compareceu a um ato das manifestações de junho de 2013, na Avenida Paulista, que teve como *slogan* O Gigante

Acordou e à segunda manifestação convocada pelo movimento a favor do *impeachment*, em 2015:

Eu participei das duas da Paulista que teve, que foram as mais faladas. Particpei das duas, mas bem pouquinho também, eu fui lá mais por questão de curiosidade e fazer uma *selfie*⁴⁰ também. Não, mas eu fui mais por questão de curiosidade, pra saber o que o pessoal tava reivindicando e você vê muita besteira... muita besteira, pessoas que não sabem nem cantar o hino – não que eu saiba cantar todo também não – mas, sabe aquela primeira partezinha lá, o pessoal não tá nem aí, só oba-oba. O pessoal vendendo cerveja, pique carnaval, eu vi tipo o carnaval da Bahia ali naquela manifestação, te juro. [sic]

Acho que... o gigante acordou foi em 2013... 2013. E essa [referindo-se à 2015] eu fui mais que foi durante o dia e tal, mas eu fui também, fui menos interessado do que a primeira, mas fui pra essas duas. [sic]

Vicente declara não acreditar que esse tipo de movimento seja capaz de influenciar ou provocar qualquer mudança no país, pois não percebeu nenhuma transformação depois das Manifestações de Junho de 2013. Para isso, seria necessária uma reforma geral, que inclui uma reforma no Código Penal, reforma na Constituição e reforma Agrária, em que o povo realmente tenha poder. Essa ele considera que seria uma proposta de luta séria, na qual ele se engajaria, mas também afirma que isso é uma grande utopia.

Diante desse desencantamento com a política, Vicente defende o voto nulo, acreditando que com 70 e 80% de votos nulos em uma eleição anularia todo o pleito⁴¹, permitindo o aparecimento de outros candidatos, seguindo assim até que alguém com as condições de mudar toda a política seja eleito. Ele acredita que em qualquer espaço existam pessoas boas e pessoas más, mas na política, mesmo aqueles que são bem-intencionados, são corrompidos pela força do sistema.

4.5 Diego

⁴⁰ Fotografia tirada de si mesmo.

⁴¹ Apesar dessa informação ser divulgada amplamente por grupos anarquistas, embasados no Art. 224 do Código Eleitoral, o Tribunal Superior Eleitoral deliberou no julgamento do Recurso Especial nº 25.937, em 17.8.2006 e redundou no Processo Administrativo n.º 20.159, em 19.12.2008, a Resolução n.º 22.992: “para fim de aplicação do art. 224 do Código Eleitoral, devem ser levados em consideração os votos nulos decorrentes de atos ilícitos, anulados por decisão judicial e os votos nulos decorrentes de votação dada a candidato com registro indeferido, e desconsiderados os votos nulos decorrentes de manifestação apolítica do eleitor” (WALDSCHMIDT, 2012).

Diego é um homem branco, tem 38 anos, é heterossexual, nasceu em São Paulo e reside na região central da cidade. É advogado, professor universitário e atua na área de Direitos Humanos.

O seu interesse por política começou após a eleição de 2010, quando ele afirma ter surgido uma comoção pelas redes sociais contra a corrupção. Na ocasião filiou-se ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) porque não existia nenhuma denúncia de corrupção contra o partido, mas depois analisou suas ideias, não concordou e se desfilou. Atualmente está filiado ao Partido Verde (PV), mas afirma não ter atuação partidária.

Diego explica que a sua ideologia político-partidária se aproxima muito da ideologia do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), mas não acredita que a ideologia de um partido faça diferença na hora de governar e usa o PT como exemplo por conta das alianças realizadas para governar. Para ele o poder ultrapassa a ideologia partidária. Além disso, ele acredita que sistema político é corrupto, mesmo colocando alguém honesto, ele vai se corromper.

Diego é filho de militar e política não fazia parte dos temas que discutia com a família e comenta que a única lembrança que tem relacionada à política desde a infância é a ideia de que o PT sempre seria oposição, nunca situação. Acredita que o brasileiro não tem o costume de discutir e que não está preparado para ouvir uma opinião contrária.

Em 2013 Diego participou do sétimo grande ato das Jornadas de Junho e duas manifestações do movimento a favor do *impeachment*, mas de maneira autônoma e não como membro de nenhum movimento:

2013 eu tava dando aula aqui na Uniesp⁴² e quando veio a questão do valor [da passagem], eu acho que foi motivo de olhar e falar “pô o povo tá fazendo alguma coisa, nós não estamos tão pacíficos assim”. E fui pra rua com mais outros colegas professores, nós estávamos aqui na Uniesp, aqui atrás, e fomos pra rua. Foi quando teve aquele quebra-quebra na Prefeitura, aí nós tivemos que voltar correndo do meio do caminho, aí precisamos voltar, tinha bomba explodindo. Mas eu acho que foi um momento, assim, bem bacana, acho, que da nossa história, de ter acontecido algo e a população ter se mobilizado. Um movimento espontâneo, acho que isso foi muito legal, falar “o povo, nós não somos tão pacíficos assim, nós temos alguma reação ainda”. [sic]

[2015] Foi essa questão da inércia. Eu falei “escuta, eu não vou escutar goela a baixo, o crime tá sendo praticado, eu não vou ficar calado”, quer dizer, a

⁴² União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo.

maneira que eu posso, deveria ter feito alguma coisa em 2014, aquela movimentação toda eu achei “porra, agora muda alguma coisa”, não mudou nada. Na verdade a gente só vai começar a prestar atenção a hora que mexer no bolso, a gente só presta atenção nisso, quando sentir o drama, porque não foi outra. A questão de falar “ah, o coxinha” não é o coxinha, não é a classe média, sei lá se pode falar isso, todo mundo, cara. Porque se eu tiver que ir nessa classe aqui embaixo, eu também tô pagando, todos nós vamos pagar, não tem como você falar “ah é um ou outro”. Pô, todo mundo cara, porque eu vou ao mercado, o morador de rua que vai ao mercado comprar alguma coisa pra ele vai pagar a mesma coisa. Se pra mim fica difícil, pra ele vai ficar muito mais difícil. Essa questão da corrupção e você olhando e fala “milhões, milhões”, quando você pega milhões sendo levados você fala “cara, isso aqui não dá”. Quando você pega aqui o filho do Lula, pô, o cara virou um cara bilionário, tinha uma profissão humilde até pouco tempo atrás, aí de repente deu um *boom*, virou o empresário do século, sabe investir. Falo “isso aí na minha cara, pô, isso aí na minha cara, eu não tenho cara de tonto”. Quando vem com aquele discurso “ah, nada do que tenho é meu” faz parte do crime de lavagem de dinheiro, ninguém, eu trabalho na área criminal, ninguém que vai pegar o dinheiro que o dinheiro provém de crime, ele joga na conta dele, a lavagem de dinheiro justamente é isso, é ocultar. E a hora que vem com esse negócio eu falo “é um tapa na minha cara, eu não tenho cara de tonto” [...] a minha motivação foi essa, falar “ó, o meu Código Penal não vai ser aplicado só pra esse aqui não [classes mais baixas], você que tá aí, ó, o rei e os seus amigos, todos eles vão responder, não é só esse daqui que eu faço a defesa, não é só esse”. [sic]

Ele acredita que esses dois movimentos se relacionam, pois ambos são constituídos pela mesma população, demonstrando que discorda do Estado. Ele também acredita que todas as pautas que estavam sendo reivindicadas, em ambos os movimentos, exceto o pedido de intervenção militar, expressam as necessidades do país. Para ele, esse tipo de manifestação é importante porque pressiona o quem atua na política partidária e deseja ter novamente o voto das pessoas.

Diego espera que as pessoas sejam menos tolerantes com a corrupção e com a impunidade e acredita que isso será possível com o comprometimento de instituições, como o Ministério Público, atuando com rigor, e o Judiciário dando vazão a todas as denúncias, além da educação para que as classes menos favorecidas tenham acesso aos valores da sociedade.

4.6 Priscila

Priscila é uma mulher branca de 35 anos, natural de São Paulo, morou na Europa por seis meses para estudar e possui graduação em Publicidade e Direito, pós-graduação em Direito Civil e Constitucional, mestrado em Direito Civil e Econômico e atualmente faz doutorado em Ciências Sociais.

Priscila afirma que sua família “tinha horror de política” e justifica esse comportamento como natural, pois considera que “os empresários sérios [...], o pessoal sério da direita, tinha saído da política durante o período militar, porque ninguém queria ficar associado a certos tipos de ações”. Discordando da família, ela sempre se interessou e acompanhou os acontecimentos políticos, contudo, a sua participação ativa se deu por volta dos 27 anos, ocasião em que passou por um divórcio bastante complicado. A partir disso resolveu que tinha que fazer alguma coisa pelo país, favorecida pelo fato que já tinha contato com o pessoal do Movimento Endireita Brasil⁴³.

Após um período de quatro a cinco anos buscando entender como era o processo político no Brasil, participou da montagem do Partido Novo, no qual permaneceu até conseguirem as assinaturas de apoio para fundação. Após esse período, Priscila começou a assumir projetos diferentes, entrando para o Movimento Vem Pra Rua, no qual fez parte do Conselho Grande e permaneceu lá até assumir a diretoria executiva do Movimento Endireita Brasil. Além disso, participa de várias atividades ligadas a outros movimentos que classifica como direita, como o Nas Ruas, Movimento Brasil Livre e o Acorda Brasil.

Priscila se considera de extrema direita, é simpatizante do Partido Social Cristão (PSC), trabalha voluntariamente pela difusão do pensamento liberal ministrando palestras e aulas na periferia de São Paulo e escreve artigos para jornais. Por não se sentir representada, ela considera a ideia de um dia se candidatar a algum cargo parlamentar.

A motivação para Priscila organizar e participar das manifestações a favor do *impeachment* é por acreditar que o PT quer implantar uma ditadura comunista no Brasil e vê nesses movimentos em que atua uma maneira de pressionar os representantes.

Olha, eu sempre gostei de política. Já estava participando ativamente da política, porque eu tava ajudando a montar o Partido Novo e eu sou uma pessoa que gosta de fazer e eu não ia aceitar o meu país virar uma ditadura. Porque essa história de controle social é mentira, na verdade é controle dos amigos e os amigos são muito bem escolhidos. Eu vejo um viés autoritário do PT em tudo que eles fazem, tanto o Lula falando que sonhava em ter um partido único, o partido falava que quer ser hegemônico. Isso não é coisa de democrático, é coisa de partido desleal à democracia, então assim, eu não ia, o que eu tivesse que fazer, eu ia fazer e fiz, e vou continuar fazendo. [sic]

⁴³ Movimento surgido em 2010 com ideais liberais, representando uma tendência de extrema direita.

Com relação às Manifestações de Junho de 2013, Priscila afirma que fez questão de não participar.

Porque eu sabia que era um movimento de esquerda que estava tentando colocar a Constituinte [Exclusiva para Reforma Política]. Na verdade eu gosto de estudar esses temas e eu senti que o PT estava querendo transformar o Brasil numa Venezuela. Então tiveram a questão dos conselhos, que na verdade é uma lei muito gêmea de uma venezuelana, e começou com um papo de Constituinte Exclusiva, que já estava sendo ventilada antes das Jornadas de Junho. Mas ninguém pediu Constituinte Exclusiva, inclusive os partidos que tinham começado embrionariamente foram expulsos das Jornadas. E aí elegeram a Constituinte dizendo “aqui temos o povo querendo a Constituinte Exclusiva”. Desculpa, isso era golpe na democracia, isso é golpe. E, na verdade, a população de São Paulo, que tem um perfil muito diferente da do resto do país, é a população menos dependente dos recursos federais. Acho que agora ainda para cada R\$ 8,00 que São Paulo manda para o Brasil, recebe R\$ 1,00 de volta. Então é a população que no fundo paga a conta, que trabalha e paga a conta, a gente não ia aceitar um negócio desses. E acho que foi muito uma reação a essa tentativa de tomada de poder total. Como o próprio PT dizia: “queremos criar uma hegemonia”, partido que pretende ser hegemônico é partido de viés autoritário. Então foi muito uma luta contra o autoritarismo e eu espero que eles vão logo para lata de lixo da história, porque eles são lixo. [sic]

Priscila espera que ocorram mudanças no país que venham ao encontro do combate ao patrimonialismo e à implementação do Estado mínimo, de maneira a garantir a livre concorrência de mercado, acabando, inclusive, com os serviços públicos essenciais, como as agências de regulamentação estatal e as escolas públicas (ela acredita que a educação deveria ser subsidiada por um *voucher* dado pelo governo, garantindo que a pessoa tivesse a liberdade de escolher em qual escola estudar).

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O objetivo desta análise é revelar o subtexto do discurso (base afetivo-volitiva) dos sujeitos da pesquisa, em sua participação nas Manifestações de Junho de 2013, bem como o envolvimento em diferentes desdobramentos que esse movimento teve, para refletir sobre o conceito de Multidão na perspectiva da Psicologia Social Sócio-Histórica, o sentido do comum e os afetos motivadores. Para Vigotski (2009) toda ação e toda palavra carregam uma base afetivo-volitiva que move as pessoas e conota as relações que estabelece com os outros e consigo mesmas. Portanto, indica que é preciso conhecer os afetos para entender o subtexto do motivo da ação e do discurso. Os jovens entrevistados são comedidos ao falarem sobre afetos, foi preciso buscá-los na imbricação entre o sentir, pensar e agir, como apresentado a seguir.

5.1 A Motivação da Participação

Os motivos declarados pelos sujeitos sobre a participação política são diversos. Contudo, ao analisá-los, podemos encontrar diversas semelhanças entre eles.

Gustavo explica sua participação no movimento em 2013 como resultado de sua participação política anterior, pois a partir de sua militância na JPT participou de todas as edições da luta pelo passe livre e da organização e mobilização dos atos juntamente com o MPL. Sua intenção foi reivindicar o direito à cidade e construir coletivamente o movimento. Por outro lado, Cristina aponta a indignação com as injustiças sociais e o desejo de evitar o sofrimento dos participantes como os principais motivos para sua adesão ao movimento, ao passo que Danilo fala da amizade e sentimento de importância: “você sente que você tá sendo importante ali, isso te motiva a conseguir estar presente nos atos, a sair mais cedo do trabalho [...]” [sic].

Diego, assim como Cristina, aponta a indignação com a injustiça social, mas também a revolta pela corrupção e privilégio dos “amigos do rei”⁴⁴. Vicente deixa claro que foi por questão de curiosidade, “pra saber o que estava sendo reivindicado”, e o que viu reforçou seu desinteresse pela política e pelas manifestações: “vi muita besteira, pessoas que não sabem nem cantar o hino, o pessoal não tá nem aí, só oba-oba, o

⁴⁴ Políticos que considera como portadores do privilégio da impunidade

pessoal vendendo cerveja, pique carnaval, eu vi tipo o carnaval da Bahia ali naquela manifestação”. Além disso, também fala que foi às manifestações para registrar o momento em uma *selfie*. Priscila explica que sempre gostou de política e é participante ativa, estava ajudando a montar o Partido Novo, despertou para a política após o divórcio conturbado e foi ao movimento para evitar que o Brasil vire uma “ditadura de um único partido autoritário”, o PT. Assim como Gustavo ela também atua na construção do movimento, ou seja, não é mera participante – apesar de construir um movimento com ideologia oposta ao dele.

A análise da maneira como as relações políticas foram vivenciadas pelos sujeitos ao longo de suas vidas, permite que se compreenda os motivos declarados que os levaram às ruas nas diferentes manifestações que participaram, indicando o papel da memória afetiva e da vivência (*perijivanie*⁴⁵) na explicação do singular.

A família aparece como gênese tanto do interesse como do desinteresse por política. A maioria dos entrevistados afirma que a política não era um tema discutido em casa e quando ocorria era em tom de crítica e horror pelas ações que os políticos realizavam. Importante destacar que apenas dois vivenciaram conversas políticas dentro de casa, mas com sentidos opostos: Gustavo é filho de petistas, o que o motivou a se interessar pelo tema, e Vicente é filho de político, o que o motivou a se afastar por entender que as pessoas se candidatam não por um projeto coletivo, mas por interesses próprios e mesquinhos de enriquecimento.

Esses sentidos vão se transformando por influência de grupos de militância, de estudo e de amigos (como nos casos de Gustavo, Cristina e Danilo, respectivamente), mas também de eventos particulares (como no caso de Priscila) e da relação com as redes sociais (como a de Diego). A exceção é Vicente, que mantém inalterável o sentido de política e a disposição à participação: “Ninguém pensa em povo nenhum. E essas manifestações aí, a maioria ali é da classe A” [sic]. **As mudanças mais relatadas nas ideias (consciência) políticas** pelos entrevistados convergem: todos falam que a sua relação com a participação coletiva se intensificou e a sua consciência política ficou mais crítica após a participação nos movimentos analisados. Mesmo Danilo, que associa

⁴⁵ A palavra russa *perejivanie*, sem tradução direta para o português, tem sido traduzida atualmente das obras de Vigotski (1999) como: vivência, experiência, ou experiência emocional. Tratando-se, assim, de uma experiência acompanhada por sentimentos e comoções vividas (TOASSA, 2009); nesta pesquisa utilizamos o termo vivência.

os movimentos à participação nos estádios de futebol, e Vinicius, que associa as manifestações ao carnaval de Salvador, indicam mudanças nesta direção.

5.2 Os Afetos

O afeto se destaca em duas direções, uma como motivo da participação (afeto-motivação) e outra como produto da participação (efeito).

Em relação ao afeto-motivação, ele tem nuances variadas que estão atreladas às relações familiares do passado e à concepção de futuro. Aparecem indignação, vergonha e identificação e o sentimento de fundo é o de que lutam por um país ou uma sociedade, em que eles possam exercer o seu direito natural de expansão da vida – embora não tenham segurança de que isso possa ocorrer. O desejo de mudança é hegemônico, variando a sua direção, que vai desde mudanças no comportamento das pessoas – que elas passem a se implicar mais com as coisas coletivas, como Cristina e Diego – até mudanças estruturais – quer de encontro a uma sociedade mais justa e igualitária, como Gustavo e Danilo, quer de encontro aos interesses do capital, como Priscila. Além disso, Cristina, Gustavo, Danilo e Priscila, acreditam que podem ser agentes dessa transformação.

Quanto à afetação como efeito, todos são unânimes em afirmar que a participação gerou prazer e aumentou a potência de ação. A afetação é sempre positiva, sendo que uns destacam a positividade em termos de consciência e outros de prazer. Gustavo sentiu-se mais importante com relação à sua militância por ter vivenciado na prática o que vislumbra como ideal democrático e Danilo a compara ao jogo de futebol para enfatizar a emoção vivenciada: “Eu gostava muito de jogo de futebol quando eu era mais novo, e era algo muito emocionante você tá junto com a torcida ali, torcendo por um time ali, é algo que é parecido assim, você consegue sentir uma emoção parecida como um estádio de futebol” [sic].

5.3 Sentimento do Comum e Conflito de Interesses

Percebe-se que cada sujeito da pesquisa defende uma ideia de comum diferente: uns atrelam o comum à luta de classes e outros à desigualdade social mais

difusa. O conflito entre as classes é evidenciado quando Gustavo afirma: “Então eu costumo falar que o final das Jornadas de Junho meio que tirou o ralo e toda podridão da direita mais conservadora mais radical, ela explodiu”[sic]. Ao passo que Priscila, que se declara de extrema direita, se expressa com ataque violento ao PT: “[...]e eu espero que eles vão logo para lata de lixo da história, porque eles são lixo”[sic].

Nesse mesmo sentido, Danilo afirma: “a gente não acredita na conciliação de classe, a gente acredita que tem que romper com burguesia, nossa luta é a baixa esquerda”[sic]. Por fim, Vicente coloca a contradição nos políticos, na corrupção que ele acredita ser inerente ao poder:

[...] “fora PT”? Pra quê, fora PT? Pra entrar outra merda? “Fora PT”... o pessoal não sabe nem o que pede. Fora PT sim, sai o PT aí entra o que diabo? Ah, eu já xingo. Entra o quê? Ah eu já vou me irritando. Não, véio, tem que mudar tudo, tinha que ir manifestar, assim, todo mundo em prol, não de tirar o PT... não, pô... de tirar o PT. Porque até então essa bomba tá vindo, essa bola de neve tá vindo enrolada de muito tempo, de muito tempo, antes mesmo do PT entrar no poder. [sic]

Com relação à desigualdade social mais difusa, Cristina, que é negra e periférica, enfatiza a contradição étnica (na relação entre brancos e negros) e geográfica (moradores da periferia e moradores do centro), afirmando que na manifestação a favor do *impeachment*, na Avenida Paulista, estavam “os brancos, profissionais liberais e que moram no centro da cidade”. Nesse mesmo sentido, Diego, que é branco e mora na região central, destaca o jovem “pobre, preto da periferia”, público em que se configura sua clientela, solidariza-se e afirma em vários pontos da entrevista o seu incômodo com a contradição existente na aplicação das leis entre ricos e pobres e na ausência do Estado em garantir direitos e cobrar deveres:

E aí não adianta eu falar em violência, você sabe muito bem desse tema. É uma baita violação dos Direitos Humanos quando eu olho um adolescente da periferia sendo responsabilizado por um ato infracional, só que ele não teve base, não teve lazer, não teve educação, não teve moradia, ele não teve nada disso. Só que eu, Estado, eu não dou, mas eu, Estado, cobro. Isso é uma violação de Direitos Humanos. O que o Estado dá é redução da maioria penal. Isso eu dou pra você. Isso é uma violação de Direitos Humanos. [...]O Estado leva meu dinheiro pelo ladrão e eu não tenho saúde, educação, mas ele me cobra.

O adolescente que não tem condições [financeiras] é um contraventor, um marginal; o adolescente que tem dinheiro e tem excesso de energia. Nos dois casos eu coloco sempre a classe mais favorecida como vítima: se foi morto ou se ele praticou, eu consigo vitimizar os dois lados.

Todo mundo tem que pagar por isso. O Direito Penal ele é pra todos, ele não pode ser seletivo. [...] Isso que é angustiante, que eu fico... eu “bato” forte nos meus alunos, eles falam: “é, mas é lixo tem que morrer”, eu falo: “opa, nós estamos falando de seres humanos; se for assim eu pego desde que nasce, coloco um biotipo e mato.

O que caracteriza os discursos é a oposição entre os grupos e o posicionamento em um deles. Assim, ao pensarmos o comum como garantia da expansão do *conatus* de todos (ESPINOSA, *TP*) em uma sociedade estratificada nos deparamos com essa contradição entre o comum e a desigualdade social.

Essa contradição presente na estrutura da sociedade se expressa em diferentes nuances das ações, pensamentos e sentimentos dos sujeitos, como aponta Vigotski (2004). Por exemplo no caso de Diego, que se indigna com a violação de direitos e injustiças cometidas contra os pobres, mas defende ideias que carregam em sua origem a ideologia que sustenta o sistema econômico que produz a pobreza e conseqüentemente a exclusão⁴⁶.

O sentimento do **comum**, que para Espinosa é o fundamento ontológico da multidão, aparece em alguns valores. O comum aqui é da ordem da compaixão, da solidariedade e da empatia com os outros; aparece na preocupação do cuidado com outros e na generosidade, ou seja, o comum de classe. Dentro dessa concepção, aparece o comum liberal, que é apresentado por Priscila como consciência social – ainda que individualista e excludente:

Eu acho que eu adquiri uma consciência social muito mais forte, porque eu sou muito liberal e normalmente é lugar comum que os liberais estão mais preocupados consigo mesmo. Mas isso não é verdade, porque o liberalismo é extremamente consciente. É porque é uma liberdade com absoluta responsabilidade, então é uma posição liberal que se a pessoa erra ela tem que pagar e pagar pesado pelo que ela fez. Não existe coitadinho, todo mundo é responsável, entendeu?

Assim, o sentido de comum em sua forma plena e original, como compartilhar uma comum igualdade de direitos, aparece como algo utópico na sociedade capitalista ou qualquer outra estratificada.

5.4 Potência de Ação

A literatura aponta a dimensão da potência que o engajamento a um movimento social pode propiciar a cada um de seus participantes, mas julgam como irracionais as ações que perturbam a ordem (RICHTER, ORTOLANO e GIACOMINI, 2014).

⁴⁶ Sawaia (1999) defende que o sistema capitalista é sustentado pela dialética inclusão-exclusão social, geradora das desigualdades sociais e dos sofrimentos decorrentes desse processo.

Segundo Espinosa (*E III*), a potência é aumentada e diminuída nos encontros, o desejo de preservá-la e aumentá-la é o que nos move e não o desejo no sentido de falta. Afirma que não é por julgar uma coisa como boa que o ser humano se esforça por ela, mas é justamente o contrário, por desejá-la que a julga como boa. Nossos sujeitos deixam claro que o sentimento de potência que todos vivenciam na multidão, reafirma o desejo de participar.

2013 era um período que eu tava estudando, então não tinha muito tempo, né, pra me dedicar ao Fórum. Então, depois disso, entendendo que eles também assumiram essa pauta e que eles viram ali os jovens sendo violados de várias formas e tudo mais – e também a violação dos direitos deles com relação á várias pautas –, então eles, do Fórum, se fortaleceram e eu também. Eu percebo que eu me uni muito mais. Então teve influência sim, teve influência porque aquilo que tava adormecido... a gente fala que o gigante acordou e tal, a galera não gosta desse termo, mas de verdade é como se alguma coisa que me moveu anteriormente tivesse adormecido e com aquela pulsão daí você devolve, você redescobre que você tem fôlego e tem uma puta galera também com vontade de fazer alguma coisa. Então a minha necessidade era de me aliar com quem pensa próximo e fazer alguma coisa, mudar aí o quadro. [sic] (CRISTINA)

Outros entrevistados também apresentaram relatos que indicam a vivência da potência na participação das manifestações:

Hoje eu me sinto muito mais importante no espaço e me sinto muito mais importante na minha militância. Não só eu, mas todo mundo que participou desse processo, acho que é um pouco isso. Acho que eu me sinto muito mais importante na minha militância do que antes, porque deu pra mostrar que quando a gente quer, que quando a gente se organiza, a gente consegue pautar, a gente consegue ganhar o debate, né. [sic] (GUSTAVO).

Sempre que a gente tá envolvido nos processos organizativos a gente tá pensando coletivamente e você pensa pra além da sua própria vida, né, a sua vida privada, você pensa numa vida mais coletiva. Então você tá se organizando, seja numa comunidade, num bairro, numa ocupação, numa reunião... você tá sempre aprendendo e mudando constantemente. Com certeza eu mudei. [sic] (DANILO)

E aí comecei a participar mais, como professor na verdade, sobre questões políticas, na verdade eu faço a análise do ponto de vista do Direito, com relação à prática de crime ou não, que é a minha área, que eu sei. [...] E eu dou aula de Direito Penal, então você pega hoje tudo o que acontece na Lava Jato... É extremamente rico pras minhas aulas. Então eu discuto com meus alunos quase todos os dias algum tema que tem acontecido nessa questão política e Direito envolvendo e a gente consegue discutir algum tema. E agora eu tenho uma participação muito maior, agora como professor eu falo sobre o que acontece. [sic] (DIEGO)

Por fim, Priscila, como citado anteriormente, exemplifica a potência pela consciência social.

5.5 Das Redes às Ruas

As redes sociais foram fundamentais para a mobilização dessas manifestações e se apresentam como uma alternativa à grande mídia ao dar voz à sujeitos até então invisíveis na sociedade e que vêm assumindo um protagonismo ativista na produção de conteúdo com estas ferramentas, em alternativa à grande mídia, que historicamente assumiu a condição de representante dos interesses econômicos e sociais de uma determinada classe social⁴⁷, inaugurando uma nova forma de participação política:

É um fenômeno da comunicação via internet, você não precisa de partidos e sindicatos pra fazer política hoje em dia. Então você vai começar a ter uma queda desses caras que sequestraram a política. Porque pra mim um sindicalista não representa trabalhador, ele representa a si mesmo e finge representar um grupo e, principalmente, o pessoal liberal está trabalhando. Então não tinha como estar preso a essas redes. E pela internet conseguiu se comunicar e agora vem chumbo grosso por ai, né. [sic] (PRISCILA).

Esta ferramenta não está isenta de servir como instrumento de disputa política. Exemplo disso são os significados e estereótipos impostos que representam a luta de classes, como o “coxinhas” e “mortadelas” que vêm sendo amplamente reproduzidos para representar a polarização política atual, que apesar de suas inúmeras nuances, pode ser dividida nesses dois grandes grupos; ou os estereótipos étnicos e geográficos relatados por Cristina e Diego em suas entrevistas, citados anteriormente.

Apesar do entusiasmo de alguns autores (GOUVÊA e ARAÚJO, 2013) com relação a esse tipo de participação, nossos sujeitos apontam dois possíveis problemas. Diego foi instigado a participar a partir de um “chamado” das redes sociais, filiou-se a um partido que pouco conhecia, e, apesar de ter participado de duas grandes manifestações mobilizadas por esse instrumento, sua participação política atualmente se restringe a discutir os temas judicializados com seus alunos. Lembrando, que mesmo ele estudando sobre o tema, ainda se encontra um pouco perdido, pois está filiado ao PV, apesar de sua ideologia se aproximar do PSDB.

Esse problema é decorrente do fato de todo ter virado “produtor de informação”, então o sujeito não só tem acesso a diversas fontes de informação, como

⁴⁷ O controle da grande mídia é restrito a seis grupos familiares aqui Brasil, o que fez com que a democratização da mídia se tornasse pauta de debate. As reflexões giram em torno do controle social dos meios de comunicação de massa, de que a comunicação deve ser pensada no âmbito dos direitos humanos e que a sociedade deve ter o direito tanto de recebê-la quanto de produzi-la. A Psicologia, por meio de seu Conselho de Classe, vem participando desse debate (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2009).

também é convocado a emitir a sua opinião, e na grande maioria das vezes, acaba por fazer a partir da forma como foi afetado pela notícia, pois não tem tempo para refletir, analisar diferentes pontos de vista, para assim construir uma opinião verdadeiramente crítica. Contudo, expressar a sua opinião é sinônimo de estar bem informado e de ser participativo “na figura do mediatizado reside a inteligência humana mistificada e despotencializada” (HARDT E NEGRI, 2014, p. 30).

Cristina também foi chamada pelas redes sociais, e a partir de uma denúncia dos exageros da repressão policial, resolveu aderir ao movimento, mas também tem clareza dos riscos de ficar só em uma participação virtual:

Pensando muito mais na questão da mobilização, aí eu não tenho como não falar das redes sociais pra isso né? Então, a participação virtual é uma coisa que me incomoda num sentido também, porque a gente acaba ficando só ali, é, mas se ela acaba se caracterizando como um passo pra me levar pra ação, ok, mas eu tenho me visto muito isso, tudo muito virtual, acabo não fazendo tanto, poderia estar fazendo mais. [sic]

Outro aspecto dessa participação virtual que não pode ser desconsiderado, apesar de ter sido citado apenas por Vicente, é a necessidade de mostrar para o mundo que você participou dessa grande festa, não ficou fora da história.

Contudo, isso não diminui a importância da mídia na capacidade que ela tem de influenciar, por meio da sua função mediadora, na relação do indivíduo com a sociedade, ou seja, a forma como se relacionam com o contexto socioeconômico e político é influenciado diretamente pelo modo como elas recebem as informações e como são afetadas por ela. Assim, a mídia sempre foi instrumento de disputa na luta de classes, a exemplo, Martín-Baró (1981) criou o Instituto Universitário de Opinião Pública (IUDOP) para realizar pesquisas empíricas sobre opinião pública, com o objetivo de dar voz aos oprimidos e contrapor as opiniões que circulavam pela mídia oficial. Concepção corroborada pelos jovens entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: uma reflexão sobre multidão

Concluída a análise é momento de voltar à questão da multidão. Na literatura levantada percebe-se que há um debate na Psicologia suscitado pelas Manifestações de Junho de 2013 e seus desdobramentos, a respeito da equivalência entre movimentos sociais e multidão.

Uns defendem a distinção entre elas, como Jesus (2013, p. 494) ao afirmar que “multidões não podem ser compreendidas pelo mesmo espectro de movimentos sociais, dada sua amplitude e desvinculação de princípios de afiliação próprios dos movimentos sociais”. Outros afirmam a relação entre multidão e as manifestações como Birman (2014) e Silva e Baptista (2014), ambos concordam que as Jornadas de Junho caracterizaram um movimento de multidão, e este último insere esse movimento à um movimento mundial mais amplo que vem acontecendo desde 2011.

Porém, este não é o problema que a pesquisa se propõe a analisar. Ela visa levantar elementos para refletir criticamente sobre as características dominantes que compõe o conceito de multidão na Psicologia, a fim de colaborar com a sua (re)incorporação na práxis psicossocial, superando a visão exclusivamente negativa da multidão, que sustenta ações retaliadoras de comportamentos massivos.

Para afirmar a equivalência entre os conceitos, Richter, Ortolano e Giacomini (2014), reconhecem nos movimentos algumas características da concepção leboniana de multidão (a atuação impulsiva, instável e violenta), e outras características da ideia de multidão proposta por Hardt e Negri, que é espinosana (a multiplicidade expressa na singularidade de cada participante). Referenciando-se nessa mesma ideia espinosana de multidão, Birman (2014), embasa-se na atuação da multidão como um sujeito político; e Silva e Baptista (2014), enfatizam a principal característica da multidão, a resistência ao tirano, no caso o próprio capital.

Por outro lado, Jesus (2013), para defender a distinção, recorre a Le Bon e trata massa e multidão de maneira indiferenciada, para ela a multidão consiste na formação de uma entidade psicológica independente e conclui que a relevância de retomar os estudos nessa área é para o controle de comportamentos massivos por meio de uma educação, o estudo da multidão deveria estar a serviço da manutenção da ordem.

Todos concordam que a multidão não é irracional, mesmo a seguidora de Le Bon que, entretanto, nega a sua negatividade e aponta para a racionalidade da multidão.

Nem poderia ser diferente, as manifestações, dado ao seu comportamento e as suas repercussões não permitem tal análise, corrobora com as ideias que surgiram no final do século passado acerca desse fenômeno.

Os sujeitos apontam que eles não se diluíram na massa disforme, mantiveram a singularidade e reafirmam como esta, é produto da história de suas relações familiares, predominantemente, nas quais configuram suas memórias afetivas, ou seja, a sua vivência. Assim, demonstram uma das características destacadas por Espinosa, da multidão como o conjunto de singularidades que não se diluem ou se massificam.

Esses sentidos vão ao encontro da afirmação de Vigotski de que a multidão age de acordo com a sua própria vontade, e não por seguir cegamente um líder ou a partir de uma instância psíquica independente “o psiquismo estudado pela psicologia social, é precisamente a psicologia de um indivíduo particular, aquilo que ele tem na cabeça. Não existe nenhum outro psiquismo” (VIGOTSKI, 1999, p. 14).

Os sujeitos sentem que as manifestações são recursos político eficientes que mudam a história, novamente indo ao encontro as ideias de Vigotski (1998, p. 97-98) “Pero los acontecimientos tienen lugar, la historia se desarrolla particularmente en tempos revolucionarios por la voluntad de las masas, por aquellos que cumplen el decreto y escuchan los discursos y los ponen en práctica, quienes cumplen las órdenes”

Outra contribuição importante dos resultados da pesquisa é que não podemos perder de vista a dialética para compreender esse fenômeno (e nenhum outro), pois apesar do esforço que Richter, Ortolano e Giacomini (2014) fazem para demonstrar a equivalência das características de massa e multidão, ainda o fazem de maneira dicotomizada, e as ações violentas praticada pelos Black Blocs são vistas a partir de um julgamento moral, e não como uma ação política de um determinado grupo, como nos alerta Marx (2009, p. 129-130).

O que constitui o movimento dialético é a coexistência de dois lados contraditórios, sua luta e sua fusão em uma categoria nova. É suficiente colocar o problema da eliminação do lado mau para liquidar o movimento dialético.

[...]

É claro que, a partir do momento em que o processo do movimento dialético se reduz ao simples procedimento de opor o bem ao mal, de colocar problemas destinados à eliminação do mal e de apresentar uma categoria como antídoto da outra, a partir desse momento as categorias perdem a sua espontaneidade. [...] Não há mais dialética; há, no máximo, a moral pura. (MARX, 2009, p. 129-130).

Essa dialética é expressa no próprio movimento de 2013 e nos desdobramentos que ele teve, a começar pela própria luta de classes que o movimento foi capaz de revelar. O seu *slogan* “não são só 20 centavos” que tinha como objetivo retratar que a luta era muito maior do que reivindicar a revogação do aumento, mas era uma luta pelo Passe Livre como instrumento de debate contra a lógica neoliberal que perpassa não só o transporte público, mas o próprio direito à cidade. Um dos desdobramentos foi a sua apropriação por um movimento com objetivos ideológicos contrários que alterou o seu sentido e adotou o *slogan* para intitular o manifesto do movimento Vem Pra Rua cujo texto reivindica o liberalismo econômico.

Reconhecer a contradição e aceitá-la como partes indissociáveis de um mesmo processo, não significa equalizar e eliminar o potencial transformador de um movimento, mas nos permite olhar para o fenômeno de maneira menos ingênua e apaixonada, elegendo um herói e vilão. Além disso, nos permite olhar para os sujeitos, expressão singular dessa universalidade, e compreender que essa contradição perpassa todas suas as relações nas mais diferentes nuances, se expressando na maneira como pensam, sentem e agem no mundo, como nos aponta Vigotski (2004):

Do mesmo modo que a vida de uma sociedade não representa um único e uniforme todo, e a sociedade ela mesma é subdividida em diferentes classes, assim também, não pode ser dito que a composição das personalidades humanas representa algo homogêneo e uniforme em um dado período histórico, e a psicologia tem que levar em conta o fato básico que a tese geral que foi formulada agora mesmo, só pode ter uma conclusão direta, confirmar o caráter de classe, natureza de classe e distinções de classe que são responsáveis pela formação dos tipos humanos. As várias contradições internas que são encontradas nos diferentes sistemas sociais encontram sua expressão tanto no tipo de personalidade quanto na estrutura da psicologia humana naquele período histórico.

Assim, apesar da contradição, todo sujeito carrega em si a possibilidade da potência, que não é uma entidade abstrata, mas surge da união entre as pessoas, consequência da multidão.

Os sujeitos desta pesquisa apontam mudanças subjetivas, uns reforçando posicionamentos já latentes, críticos em direções difusas: ideias revolucionárias, progressistas e conservadoras; outros adotando novos posicionamentos mais críticos e políticos, e reconhecem a importância do coletivo. Porém um coletivo com sentidos diversificados, até mesmo contraditórios e alguns ideologizados.

O sentimento do **comum**, conforme postulado por Espinosa como fundamento ontológico da multidão, que tem o sentido de *cum e patire*, partilhar uma comum

igualdade de direito, aparece como algo utópico em uma sociedade de classe, sendo possível no máximo, o comum de classe: o comum mútuo, que tem como pressuposto a identificação com o igual; o comum solidário, que aparece na compaixão com o outro que eu enxergo como injustiçado, portanto desigual; e o comum liberal, que tem como pressuposto a desigualdade e a exclusão, e aparece como a união em torno de uma motivação compartilhada por um determinado grupo, mas com interesse em vantagens ou privilégios individuais ou ainda no desenvolvimento de uma consciência social mais crítica, mas individual.

Contudo, deparar-se com o comum de classe e o comum liberal não nos leva ao fatalismo, uma vez que, um dos pressupostos orientadores da Psicologia Sócio-Histórica é de que a realidade não está posta, portanto, pode ser transformada. Mas não por meio da participação virtual, essas não substituem a multidão, é a partir do corpos em contato nas ruas. Reconheço a importância desse instrumento na mobilização das manifestações e divulgação de ideias para se contrapor à grande mídia, mas ela pode se desvirtuar tanto quanto aquela.

Acredito que uma transformação que vá ao encontro de uma sociedade que supere as desigualdades com o objetivo de eliminar a opressão e sofrimento deve ter como norte o comum espinosano e ações devem ter como objetivo identificar as contradições que permeiam as mais diversas ações revolucionárias, pois só no confronto entre esses polos opostos (tese e antítese) que surge a síntese, mesmo que (sempre) temporária.

A mais fundamental e importante contradição em toda esta estrutura social consiste no fato que dentro dela, sob pressão inexorável, estão evoluindo forças para sua destruição, e estão sendo criadas as precondições para sua substituição por uma nova ordem baseada na ausência da exploração do homem pelo homem. (VIGOTSKI, 2004)

Assim, a pesquisa demonstra ser esta uma questão a ser trabalhada e continuamente pesquisada pela Psicologia Social. Apesar de todas as dificuldades, o que fica é a importância e a positividade da multidão para os participantes dessa pesquisa, e a necessidade de estabelecer distinções conceituais que garantem as nuances do comportamento coletivo. Portanto, a pesquisa ajuda a defender a *multitudo* espinosana como ideia reguladora, pois carrega em si a ontologia política de Espinosa, que permite reconhecer a sua índole mutável, podendo também se apresentar de maneira servil, mas que carrega em si, a multidão-potência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADIOU, et. Al. **Sobre la Idea del Comunismo**. 1 Ed. Buenos Aires: Paidós, 2010.

BARBOZA, Mariane da Silva Santos e CAMINO, Cleonice Pereira Santos. Teoria das Minorias Ativas. *In: Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 245-247, 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/26.pdf>>. Acesso em: 23/07/2016.

BIRMAN, Joel. O sujeito da diferença e a multidão. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 36, n. 57, p. 25 - 40, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062014000100004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 05/06/2016.

CARVALHO, Virgínia Donizete de; BORGES, Livia de Oliveira; REGO, Denise Pereira do. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia Social. *In: Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 146-161, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000100011&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 05/06/2016.

CHAUÍ, Marilena. **Espinosa: Vida e obra**. In ESPINOSA, Baruch de. *Espinosa. Obras Diversas*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983.

_____. **Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa**. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

Conselho Federal de Psicologia. In: Bock; Ana Mercedes Bahia et al. (Orgs.) **Mídia e Psicologia: produção de subjetividade e coletividade**. 2.ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009. 392 p. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/07/livro_midiapsicologia_final_web.pdf>. Acesso em: 07/07/2016.

CONSOLIM, Marcia Cristina. Gustave Le Bon e a reação conservadora às multidões. *In: Anais do XVII Encontro Regional de História - O lugar da história - Campinas*, 6 a 10 setembro, 2004. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20II/Marcia%20Cristina%20Consolim.pdf>> Acesso em: 05/06/2014.

ESPINOSA, Baruch (1677). **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

_____. (1677). **Tratado Político**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, 1977.

EVANGELISTA, Daniel Fassa. **Manifestações de Junho de 2013 em São Paulo: um olhar a partir dos paradigmas da mobilização de recursos e dos novos movimentos sociais**. 2015. 249f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2015.

FERNANDES, Edson e ROSENO, Ricardo de Freitas. **Protesta Brasil: das redes sociais às manifestações de rua**. São Paulo: Prata Editora, 2013.

FERREIRA, Maria Cristina. A Psicologia Social Contemporânea: principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. spc, p. 51-64, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26nspe/a05v26ns.pdf>>. Acesso em: 23/07/2016.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, Cotidiano, p. C1, 7 de jun de 2013.

_____. Paulo, p. C1, 08 de jun de 2013.

_____. São Paulo, p. C1, 12 de jun de 2013.

_____. São Paulo, p. C2, 14 de jun de 2013.

_____. São Paulo, p. C4, 18 de jun de 2013.

_____. São Paulo, p. C2, 19 de jun de 2013.

_____. São Paulo, p. C5, 21 de jun de 2013.

FREUD, Sigmund. (1921). Psicologia das Massas e Análise do Eu. In: **Obras completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. V. XV, p. 13-113.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de Junho de 2013 no Brasil e Praças dos Indignados no Mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOUVÊA, Phablo e ARAÚJO, Rafael de Paula Aguiar. O Caráter Multiplicador das Mídias Sociais e a Natureza Potencializadora do Engajamento Político na Era Digital. In: **Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina**. De 10 a 13 de setembro de 2013. Disponível em: <http://www.semecip.ufscar.br/wp-content/uploads/2014/12/O-car%C3%A1ter-multiplicador-das-m%C3%ADdias-sociais-e-a-natureza-potencializadora-do-engajamento-pol%C3%ADtico-na-era-digital.pdf>. Acesso em: 23/07/2016.

HARDT, Michael. Lo común en el Comunismo. In: BADIOU, et. Al. **Sobre la Idea del Comunismo**. 1 Ed. Buenos Aires: Paidós, 2010.

HARDT, Michael e NEGRI Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **Declaração: isto não é um manifesto**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

JESUS, Jaqueline Gomes. Psicologia das massas: contexto e desafios brasileiros. In: **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 493-503, 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05/06/2016.

JUDENSNAIDER, Elena. et al., **Vinte Centavos: a luta contra o aumento**. São Paulo: Veneta, 2013.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. A Psicologia Social e uma Nova Concepção de Homem para a Psicologia. In: Lane, T. M. e Codo, W. **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2004, 13ªed, 4ª reimpressão.

LE BON, Gustav. **Psicologia das Multidões**. São Paulo. Martins Fontes, 2008

LIMA, Venício Arthur. Mídia, Rebelia Urbana e a Crise da Representação. In: MARICATO, Ermínia. et al. **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MAHEIRIE, Kátia. Contribuições da Psicologia Social na Análise dos Movimentos Sociais. In: CAMINO, Leôncio; LHULLIER, Louise; e SANDOVAL, Salvador Antonio Mireles **Estudos sobre o Comportamento Político: teoria e pesquisa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

MARICATO, Ermínia. et al. **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARTÍN-BARÓ. I. **Acción e Ideología: psicología social desde centroamérica**. El Salvador: UCA editores, 2001.

_____. El latino indolente: carater ideológico del fatalismo latinoamericano. In: MONTERO, Maritza (Coord.). **Psicologia política latinoamericana** (135-162). Caracas: Panapo, 1987.

MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos. **A Psicologia Social nos tempos de Freud**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Maio-Ago 2000, Vol. 16 n. 2, pp. 145-152. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n2/4377.pdf>> Acesso em: 20/05/2016.

MOSCOVICI, Serge. **Psicologia das Minorias Ativas**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011

MOVIMENTO PASSE LIVRE – São Paulo. Não Começou em Salvador, Não Vai Terminar em São Paulo. In: MARICATO, Ermínia. et al. **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

_____. Carta de Princípios, disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/carta-de-principios/>> . Acesso em: 20/05/2015.

O ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo, Metrôpole, p. A12, 07 de jun de 2013.

_____, São Paulo, p. A22, 08 de jun de 2013.

_____, São Paulo, p. A12, 12 de jun de 2013.

_____, São Paulo, p. A14, 14 de jun de 2013.

_____, São Paulo, p. A12b, 18 de jun de 2013.

_____, São Paulo, p. A13, 19 de jun de 2013.

_____, São Paulo, p. A12, 21 de jun de 2013.

OLIVEIRA, B. (2001). **O método materialista histórico dialético**. Exposição apresentada na abertura do V Encontro de Psicologia Social Comunitária, promovido pela Abrapso-Núcleo Bauru, Neppem e o Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências/Unesp-Bauru, nos dias 16 a 18/08/2001.

ORTELADO, Pablo. Os Black Bloc e a Violência. *In: Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1603>>. Acesso em: 18/07/2016.

PINHABEL, Natalia. As Novas Direções do Vem Pra Rua. *In: Jornalismo Especializado*. Disponível em: <<https://jornalismoespecializadounesp.wordpress.com/2015/08/18/as-novas-direcoes-do-vem-pra-rua/>>. Acesso em: 18/07/2016.

RICHTER, Ernesto Pacheco; ORTOLANO, Fábio; GIACOMINI, Adriana. Junho Político: massa e multidão nas ruas brasileiras. *In: Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 14, n. 29, p. 71-86, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05/06/2016.

ROLNIK, Raquel. Apresentação – As Vozes das Ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. *In: MARICATO, Ermínia. et al. Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter Foram às Ruas. *In: MARICATO, Ermínia. et al. Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

SANDOVAL, Salvador Antonio Mireles. Comportamento Político como Campo Interdisciplinar de Conhecimento: a reaproximação da sociologia e da psicologia social. *In: CAMINO, Leôncio; LHULLIER, Louise; e SANDOVAL, Salvador Antonio Mireles Estudos sobre o Comportamento Político: teoria e pesquisa*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

SANTOS, Lívia Gomes dos. **Inconsciente**: uma reflexão desde a psicologia de Vigotski. 2015. 216f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2015.

SAWAIA, Bader Burihan. A Legitimidade Subjetiva no Processo de Participação Social na Era da Globalização. *In*: CAMINO, Leôncio; LHULLIER, Louise; e SANDOVAL, Salvador Antonio Mireles **Estudos sobre o Comportamento Político**: teoria e pesquisa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

_____. **O Sofrimento Ético Político como Categoria de Análise da Dialética Exclusão/Inclusão**. SAWAIA, Bader B. (Org.) As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 156 p.

_____. A emoção como locus da produção do conhecimento: uma análise centrada em Espinosa e Vygotsky. *In*: **Anais da III Conferência de pesquisa Sócio-cultural**, 2000. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/1060.doc>>. Acesso em: 20/05/2016.

_____. Transformação social: um objeto pertinente à psicologia social? *In*: **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. spe, p. 4-17, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000600002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20/05/2015.

SECCO, Lincoln. As Jornadas de Junho. *In*: MARICATO, Ermínia. et al. **Cidades Rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

SILVA, Rodrigo Lages e; BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. Primavera urbana: a ilha deserta interroga as multidões. *In*: **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. spe, p. 25-35, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000500004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20/05/2016.

SOUZA, Renato Ferreira de. George Herbert Mead: contribuições para a história da psicologia social. *In*: **Psicologia & Sociedade**; Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 369-378, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000200018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20/05/2016.

TOASSA, Gisele. **Emoções e Vivências em Vigotski**: investigações para uma perspectiva Histórico-Cultural. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia-USP. 2009.

VAINER, Carlos. Quando a Cidade Vai às Ruas. *In*: MARICATO, Ermínia. et al. **Cidades Rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. (1995). **Obras Escogidas: Vol. 3. Problemas del desarrollo de la psique**. Madrid, España, Visor: 1995.

_____. Recensión del libro de John Reed, **Diez Días que Conmovieron al Mundo**". *In*: **El desarrollo cultural del niño y otros textos inéditos**. Guillermo Blanck (org.). Buenos Aires: Almagesto, 1998

_____. **Psicologia da Arte**. São Paulo, Martins Fontes: 1999.

_____. **Teoria e Método em Psicologia**. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

_____. (1916) *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. São Paulo, Martins Fontes. 1999c.

_____. (1930). **A transformação socialista do homem**. [Tradução de Nilson Dória a partir da versão em inglês *The socialist alteration of man para Marxists Internet Archive*], 2004. Disponível em: <<http://marxists.anu.edu.au/portugues/vygotsky/1930/mes/transformacao.htm>>. Acesso em: 03/05/15.

_____. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

WALDSCHMIDT, Hardy. Prefeito: candidatura única e número mínimo de votos. *In: Tribunal Superior Eleitoral*. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/arquivos/tre-ms-artigo-prefeito-candidatura-unica-e-numero-minimo->>> Acesso realizado em: 18/07/2016.

ZIN, Rafael Balseiro. O Discurso que Antecede a Exclamação: a crise da representatividade e as “novas” formas de participação política na cidade de São Paulo. *In: Congresso Latino Americano de Ciência Política*, 5., 2012, Quito. Anais. Disponível em: <http://www.fespsp.com.br/fesp/uploads/fck_assets/arquivos/ZIN_RafaelBalseiro.pdf>. Acesso em: 03/12/14.

ZIZEK, Slavoj. Problemas no Paraíso. *In: MARICATO, E. et al. Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

ANEXOS

Anexo I. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa, cujo objetivo é: conhecer as bases afetivo-volitivas da participação dos diferentes grupos que compõem os movimentos de 2013 e de 2015, visando analisar se vivenciaram o sentimento do comum.

Sua participação envolve uma entrevista que será gravada, se assim você permitir, e que tem a duração aproximada de uma hora.

Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Sua identidade nesta pesquisa será tratada com padrões profissionais de sigilo, não sendo identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Programa de Estudos Pós Graduated em Psicologia Social da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde de São Paulo e outra será fornecida a você.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora no telefone (011)99584-9704 ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP.

Declaro que concordo em participar desse estudo, recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Nome	Assinatura do Participante	Data
Nome	Assinatura do Pesquisador	Data
Nome	Assinatura da Testemunha	Data

Anexo 2. Roteiro de Entrevista

- Nome
- Idade
- Sexo
- Raça
- Orientação sexual
- Profissão
- Escolarização
- Local de residência
- Cidade natal (se for imigrante, quando e porque veio pra São Paulo)
- Sofre ou já sofreu alguma discriminação/preconceito por alguma das características pessoais descritas acima? (acredita que isso aconteceu devido a que)
- Política é um tema que costuma te interessar? (desde quando, como, porque, qual a primeira vez que ouviu falar de política, como familiares e/ou amigos se relacionam com a política)
- Teve contato com discussões/movimentos políticos na escola? (grêmio estudantil, como era o envolvimento/participação)
- Participa de algum movimento social? (desde quando, como e porque)
- Considera-se participativo nas decisões políticas que acontecem no País, Estado e Cidade? (como e porque)
- Tem algum posicionamento político ideológico? (direita, esquerda, conservador, liberal, progressista; o que entende por direita, esquerda, etc)
- Tem/teve algum envolvimento com política partidária? (é simpatizante ou filiado a algum partido, acredita no partidarismo, se filiaria a algum partido)
- Acredita que a posição ideológica de um partido faz alguma diferença?

- Quais manifestações participou dentre: Jornadas de Junho de 2013, *pró-impeachment* em 2015? (como entende essas manifestações, se elas se relacionam, o que o levou a participar, como se deu essa participação, se concordava com todas as questões que estavam sendo reivindicadas/protestadas nessas manifestações, quais e porque, de qual mais gostou\ achou mais eficaz, elas são diferentes)
- Se considera as manifestações importantes? (se percebeu algum efeito, se elas influenciaram ou determinaram alguma mudança, se provocou alguma mudança em si próprio, se acredita que precisam continuar, se iria em outras manifestações)
- Quais mudanças espera que aconteça? (o que é preciso para que aconteçam, como, quem fará)